

4.

O acesso e a permanência no ensino superior – A voz do aluno atendido

“A educação para além do capital visa a uma ordem social qualitativamente diferente. [...] Pois as incorrigíveis determinações destrutivas da ordem existente tornam imperativo contrapor aos irreconciliáveis antagonismos estruturais do sistema do capital uma alternativa concreta e sustentável para a regulação da reprodução metabólica social, se quisermos garantir condições elementares da sobre vivência humana. [Mészáros, Istvan. A educação para além de capital, 2005]

No presente capítulo apresentaremos o público alvo atendido pelo FESP, ou seja, os alunos que faziam parte do Projeto no ano de 2007.

A pesquisa teve como característica o método quanti-qualitativa de coleta de dados. No que se refere ao quantitativo tivemos o objetivo de traçar o perfil do público alvo do FESP considerando-se aspectos sociais, demográficos e econômicos, relativos aos alunos. Quanto ao qualitativo, apresentaremos a análise das entrevistas que aplicamos ao grupo de 16 alunos bolsistas definidos segundo os critérios da pesquisa apresentados posteriormente. As entrevistas buscaram conhecer o significado de estudar na PUC-Rio, o que pensam sobre acesso e permanência no ensino superior, sobre o ProUni, e ainda, quais foram às estratégias que criaram para frequentar a Universidade antes de serem atendidos pelo FESP.

De acordo com a pesquisa quantitativa, realizada com 740 fichas de cadastro²³ preenchidas pelos alunos no momento da entrevista, podemos delinear alguns aspectos gerais do público alvo do FESP: 1) Os alunos atendidos pelo Projeto distribuem-se em todos os cursos de graduação da PUC-Rio; 2) Possuem bolsas de diferentes tipos, sejam elas, Ação Social, PUC, ProUni, Seminarista Religioso e Dependente Funcionário. 3) A maioria é jovem,

²³ Um dos instrumentos próprios do serviço social são as fichas de cadastro, de estudo socioeconômico e de acompanhamento social, utilizadas durante a entrevista, sendo essas a base para levantamento do presente perfil dos alunos atendidos em 2007. Anexo 7.

sendo que 21% têm de 17 a 20 anos e 45% têm de 21 a 25 anos. 4) O público é predominantemente feminino, representando 64% do total. 5) A maior parte reside na cidade do Rio de Janeiro, seguido por cidades da Baixada Fluminense quais sejam, Duque de Caxias, Belford Roxo e São João de Meriti.

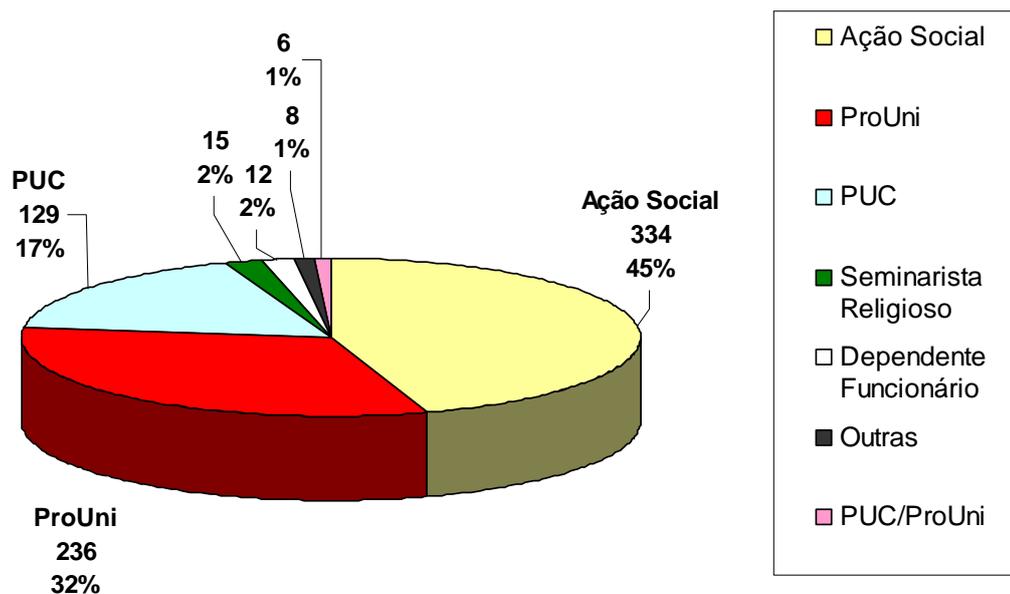
Após o apanhado geral do público atendido pelo FESP em 2007, passemos a análise de suas características socioeconômicas e demográficas.

4.1. O perfil dos alunos atendidos pelo FESP no ano de 2007

O FESP tem como público alvo somente os bolsistas integrais que apresentem o perfil necessário para atendimento, ou seja, tenham rendimento líquido familiar de até um salário mínimo por pessoa. O perfil destes alunos foi levantado através do uso de instrumentos de serviço social que nos permitem analisar a situação socioeconômica dos alunos.

Vejamos a seguir o gráfico de bolsas de estudos dos alunos.

Gráfico 8 – Percentual de bolsas concedidas pela PUC-Rio aos alunos atendidos pelo FESP em 2007



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP - 2007

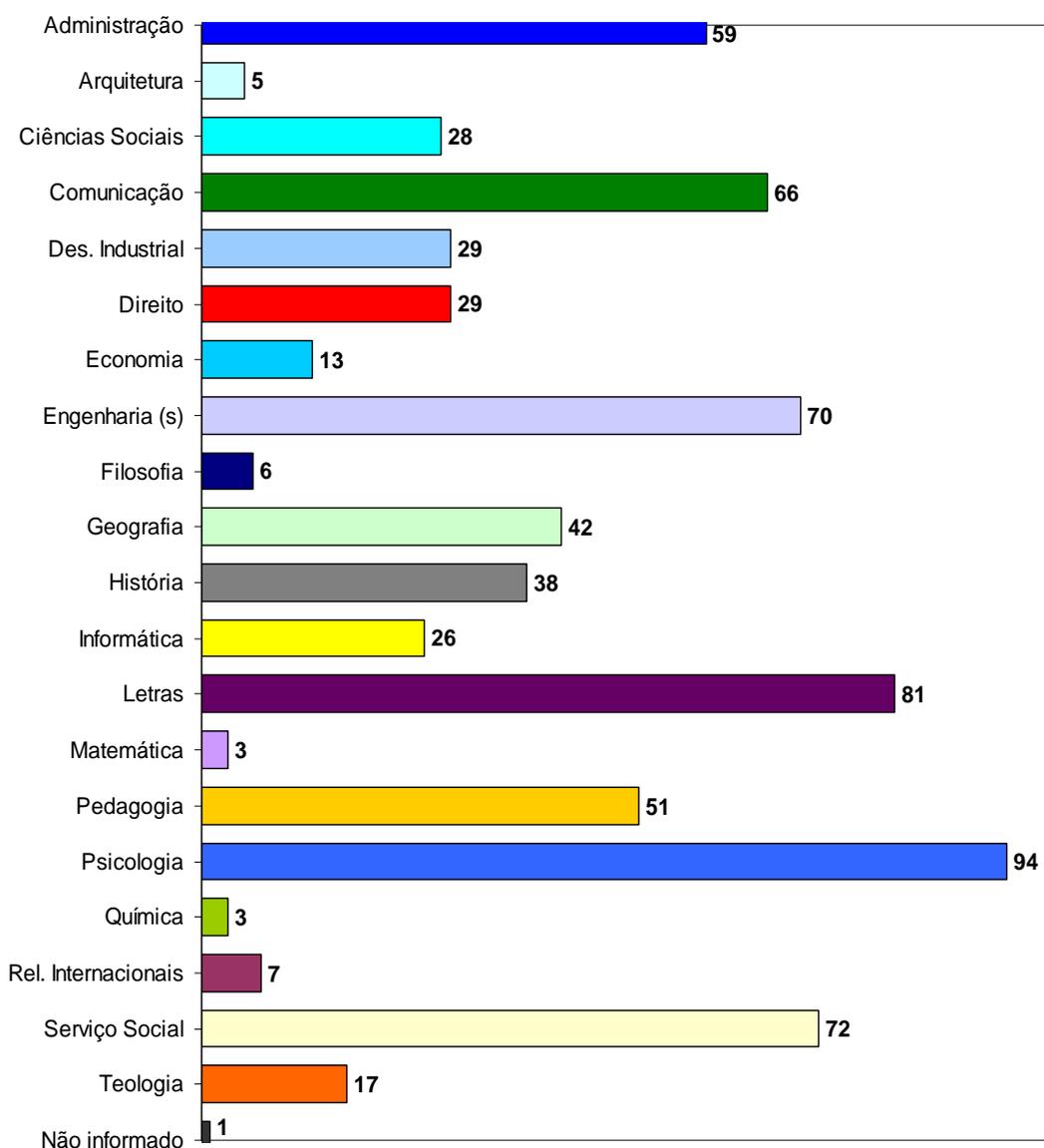
Observa-se no gráfico 8 que o maior percentual de alunos atendidos são os bolsistas de ação social (45%), seguido dos bolsistas ProUni (32%), os demais somados representam 23% do total de bolsistas.

No ano de 2007 a PUC-Rio tinha 583 bolsistas ProUni, desses o FESP atendeu a 236 pessoas, o que corresponde a 40% do público alvo desse tipo de bolsa. No que se refere aos bolsistas de Ação Social, a PUC-Rio tinha 512 alunos no mesmo ano e, o FESP atendeu 334 alunos, o que representa 65% desses bolsistas.

Vale ressaltar que os bolsistas ProUni, representam um número significativo de alunos atendidos pelo FESP. Considerando-se que o ProUni foi implementado em 2005 em comparação ao Programa de Bolsas Ação Social que esteve em execução durante 13 anos. Com o início do ProUni, a bolsa Ação Social sofre um processo de freamento, sendo assim, distribuídas cada vez menos bolsas, com o objetivo de cumprir as exigências legais do ProUni.

O FESP atende a alunos bolsistas de todos os cursos de graduação da PUC-Rio, como podemos identificar no gráfico 9 a seguir.

Gráfico 9 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo curso de graduação.



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP - 2007

Observa-se no gráfico 5 que os cursos de Administração, Comunicação Social, Engenharia (s), Letras, Psicologia e Serviço Social são os que apresentam os maiores quantitativos de alunos atendidos. Arquitetura (criado em 2002), Filosofia, Matemática e Química apresentam os menores quantitativos de alunos. Vale ser ressaltado que alguns dos cursos acima identificados possuem duas entradas durante o ano, e outros cursos, apenas uma, no primeiro semestre letivo, como é o caso de Informática, Pedagogia, Serviço Social, Teologia e Economia.

Na tabela 6, observaremos a oscilação dos cursos de graduação dos alunos atendidos pelo FESP, o que ocasiona o aumento do número de alunos em alguns cursos e o freamento em outros.

Os dados de 2006 referem-se ao levantamento anual realizado no FESP, geralmente nos meses de outubro e novembro, com o objetivo de fazer um balanço dos atendimentos para a projeção do próximo ano do Projeto.

Tabela 6 – Comparação entre os anos de 2006 e 2007 do número de alunos atendidos no FESP de acordo com os cursos de graduação que os bolsistas cursavam

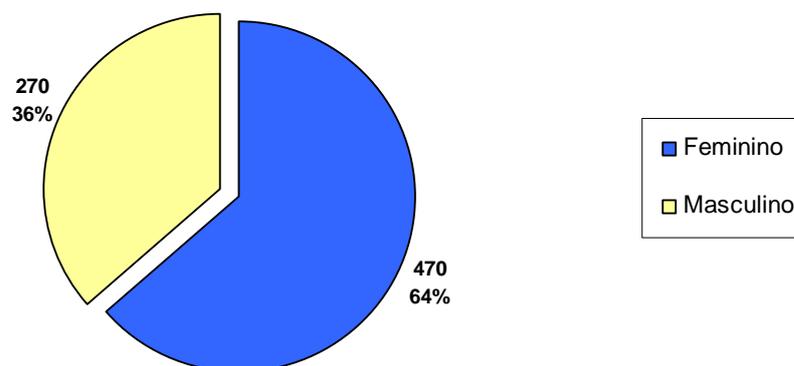
	2006	2007
Cursos	nº de alunos	nº de alunos
Administração	48	59
Arquitetura	2	5
Comunicação	41	66
Ciências Sociais	29	28
Des. Industrial	16	29
Direito	22	29
Economia	3	13
Engenharia (s)	46	70
Filosofia	12	6
Física	1	0
Geografia	35	42
História	34	38
Informática	26	26
Letras	100	81
Matemática	4	3
Pedagogia	55	51
Psicologia	78	94
Química	3	3
Rel. Internacionais	1	7
Serviço Social	71	72
Teologia	11	17
Não informado	0	1
TOTAL	638	740

Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2006/2007

Verifica-se através da tabela 6, que houve um aumento no número de alunos atendidos pelo FESP provenientes dos cursos de: Administração, Arquitetura, Comunicação Social, Desenho Industrial, Direito, Economia, Engenharia (s), Geografia, História, Psicologia, Relações Internacionais e Teologia. Observa-se o freamento no número de alunos atendidos pelo FESP nos cursos de: Filosofia, Física, Letras e Pedagogia. Os demais cursos: Ciências Sociais, Informática, Matemática, Química e Serviço Social, mantiveram um fluxo de entrada sem maiores alterações, considerando-se formaturas e transferências de curso.

Após conhecermos os cursos de graduação nos quais estão inseridos, vejamos a seguir as características sociais dos alunos, dentre elas sexo e idade

Gráfico 10 – Distribuição dos alunos atendidos no FESP, durante o ano de 2007, segundo o sexo



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP - 2007

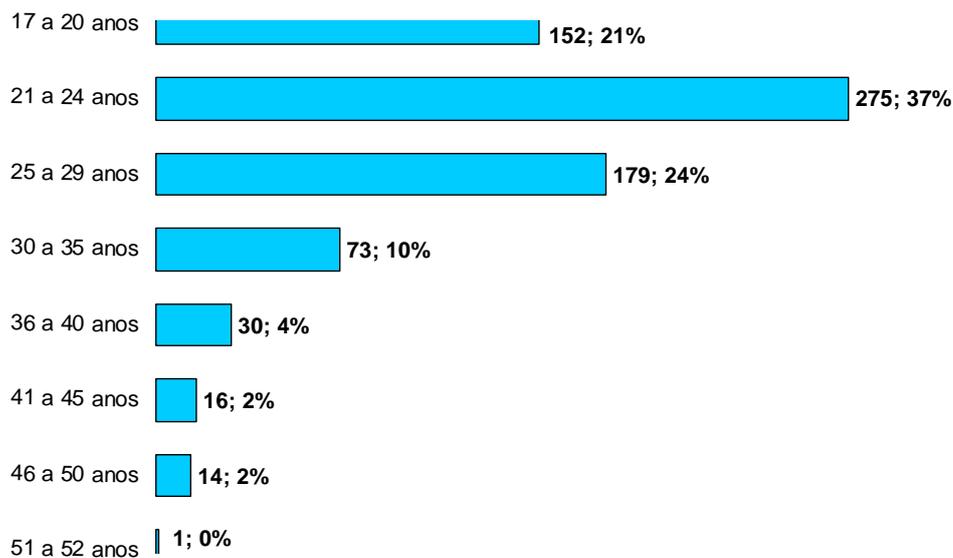
Segundo o estudo de Barreyro (2008) relacionado ao Censo da Educação Superior (2004), as maiores matrículas são femininas, representadas em 56%, sendo as masculinas 44% do total. No que se refere aos concluintes do ensino superior, as mulheres estudantes representam 63% do total. Verifica-se assim, a presença de maior número de mulheres do que de homens no ensino superior brasileiro.

Por outro lado, cursar uma graduação para o sexo feminino, implica em questões relacionadas a responsabilidades de gênero, dentre as quais, a reprodução social e a maternidade.

Verifica-se no gráfico 10 que no caso do FESP, dentre os alunos bolsistas atendidos, as mulheres representam 64% desse público. Observa-se que se por um lado, este fato pode ser um reflexo do aumento da entrada das mulheres no ensino superior, por outro, ilustra a necessidade de programas de assistência que viabilizem sua permanência no espaço universitário, principalmente se considerarmos que as desigualdades de gênero no nosso país são bastante evidentes.

Outro dado importante refere-se à idade dos alunos atendidos pelo FESP, a maioria são jovens, vejamos no gráfico a seguir.

Gráfico 11 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo faixa etária



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2007

A definição da faixa etária da juventude é um tema em debate. Sposito (2003), apresenta a faixa etária de 15 a 24 anos como recorte operativo para análise de dados demográficos, sendo de 15 a 19 anos – os adolescentes, e de 20 a 24 anos – os jovens. O IPEA (2008), apresenta no boletim de políticas sociais (Nº 15) a faixa etária de juventude entre 15 e 29 anos, baseado no

recorte utilizado pela Secretaria Nacional de Juventude, criada durante o Governo Lula, em 2004, para desenvolver políticas para esse público. Segundo a UNESCO (2004), para fins de estudos demográficos, os jovens correspondem à população entre 15 e 24 anos de idade, definição que tem origem na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 1985. No entanto, em áreas rurais ou de extrema pobreza, a população de 10 a 14 anos também é considerada jovem, e em estratos sociais médios e altos urbanizados se amplia ao grupo de 25 a 29 anos.

Podemos observar, de acordo com o gráfico 11, que a população predominante no atendimento pelo FESP é jovem, representando 58% do total de alunos atendidos, ou seja, alunos entre 17 e 24 anos. Caso utilizássemos o corte do atual Governo como referência, a faixa etária de 17 a 29 anos, o FESP passa a atender 82% de jovens.

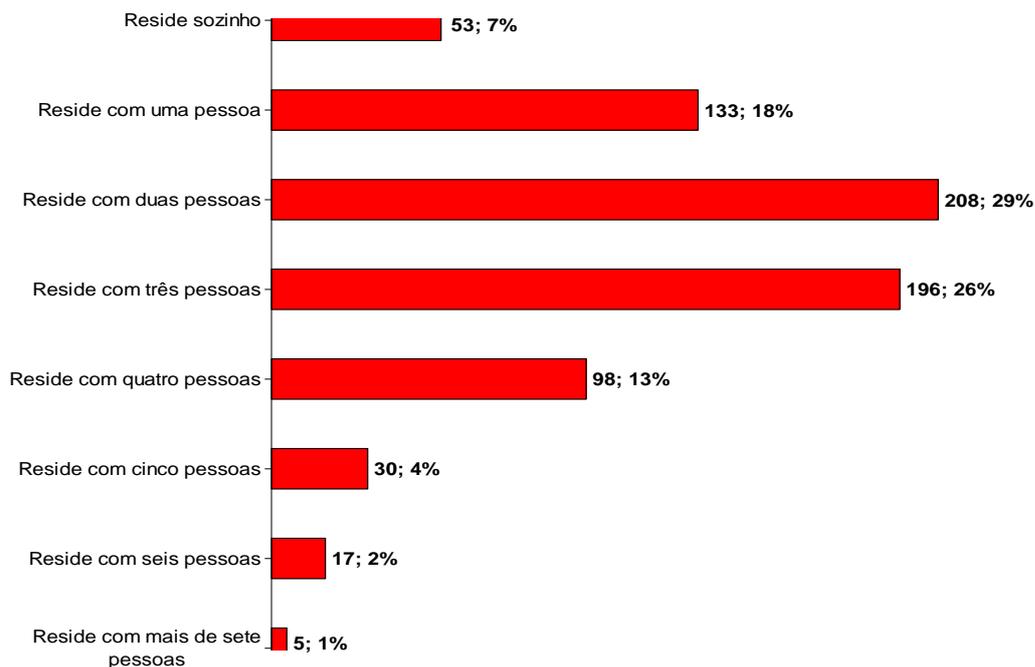
De acordo com dados do PNAD/IBGE 2006, o quadro educacional da população jovem apresenta uma considerável distorção série-idade, e ainda, está presente o analfabetismo. Cerca de 33% dos jovens de 15 a 17 anos, ainda freqüentam o ensino fundamental, quando deveriam estar no ensino médio. Os jovens que freqüentam o ensino superior se distribuem nas seguintes faixas etárias: 15 a 17 anos – 0,4%; 18 a 24 anos – 12,7% e 25 a 29 anos – 7,4%. Os jovens de 15 a 29 anos representam em torno de 9% dos analfabetos do Brasil.

Segundo IPEA (2008), a proporção de jovens fora da escola é crescente, sendo 17% na faixa etária de 15 a 17 anos, 66% entre 18 e 24 anos e 83% entre 25 e 29 anos.

A ocorrência de alunos bolsistas acima de 30 anos pode indicar que os mesmos tiveram que se inserir no mercado de trabalho, para suprir necessidades de suas famílias e, atualmente, puderam retornar a seus estudos, ingressando na Universidade na vida adulta.

Além de jovens, os alunos bolsistas atendidos pelo FESP, também são em sua maioria, solteiros, representando 91% do total do público pesquisado, (633), seguido pelo percentual de casados 7%, os demais se encontram em condição marital, separados, divorciados ou viúvos representavam 25 pessoas, ou seja, 2% do total. Os dados apresentados nos levam a questionar como se compõem as famílias dos alunos. Vejamos o gráfico 12.

Gráfico 12 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo número de membros familiares



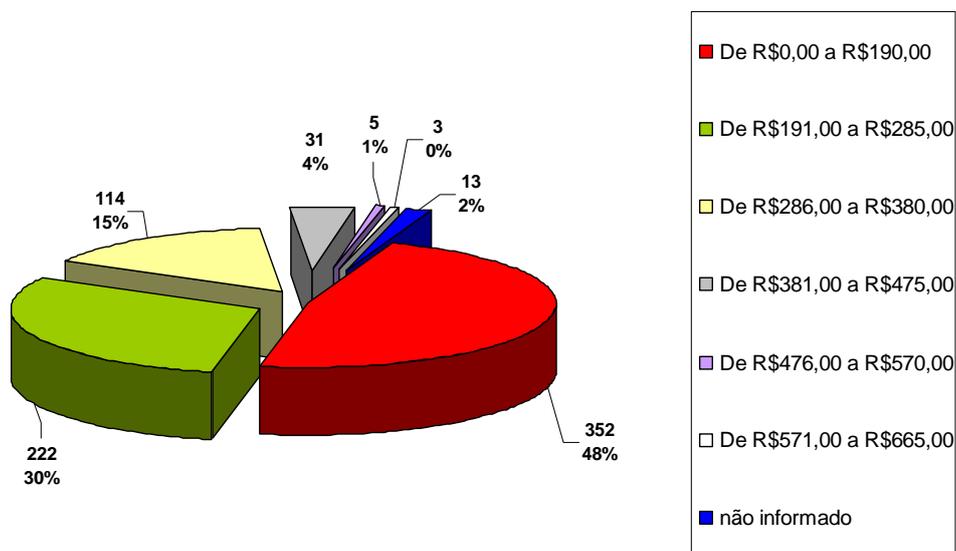
Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2007

O gráfico 12 refere-se ao número de membros na família. Podemos observar que 7% dos alunos residem sozinho, sendo responsáveis pela sua manutenção financeira. O gráfico mostra a maior incidência de famílias com três e quatro membros familiares, incluindo os alunos. O impacto social do Projeto FESP pode ser demonstrado com a soma de todos os membros das famílias, 1.821 pessoas dos alunos 740 pesquisados que indiretamente sofrem o impacto do atendimento oferecido pelo FESP.

Considerando-se a família como núcleo que agrega e distribui a renda, compondo uma rede solidária de consumo (ROCHA; 2006), é de extrema importância sabermos a que família estamos nos referindo. De acordo com o levantamento de dados, os alunos geralmente residem com os pais. Contudo, percebemos a diversidade nas construções familiares, entre mães solteiras, agregados, avós e sobrinhos como membros declarados pelos alunos residindo na mesma casa.

Após compreendermos à que família estamos nos referindo no caso do FESP, passemos a composição da renda familiar dos alunos.

Gráfico 13 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo faixa de rendimento²⁴



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2007

Faz-se necessário esclarecer a metodologia empregada para apresentar as faixas de rendimento acima descritas. Os alunos antes de ingressarem no Projeto, e durante seu atendimento, regularmente, ou seja, uma vez ao ano, passam por entrevista e análise socioeconômica realizada pela equipe de Serviço Social. Para isso, são entregues documentos comprobatórios de renda e gastos familiares²⁵. Durante a entrevista é realizado o estudo socioeconômico com o objetivo de analisar a documentação, contudo o principal objetivo é ouvir os alunos no que diz respeito às questões socioeconômicas familiares, e demais situações que circundam suas relações sociais. A fórmula utilizada para chegar à faixa de rendimento familiar é:

Renda familiar bruta menos gastos comprováveis, dividido pelo número de pessoas na família

²⁴ Salário utilizado como referência para a pesquisa foi o de R\$ 380,00 em vigor a partir de maio de 2007.

²⁵ Os gastos familiares considerados são: água, luz, gás, IPTU, aluguel ou financiamento de imóvel, condomínio, telefone, taxas escolares, descontos em folha (INSS, SINDICATO) e gastos com saúde.

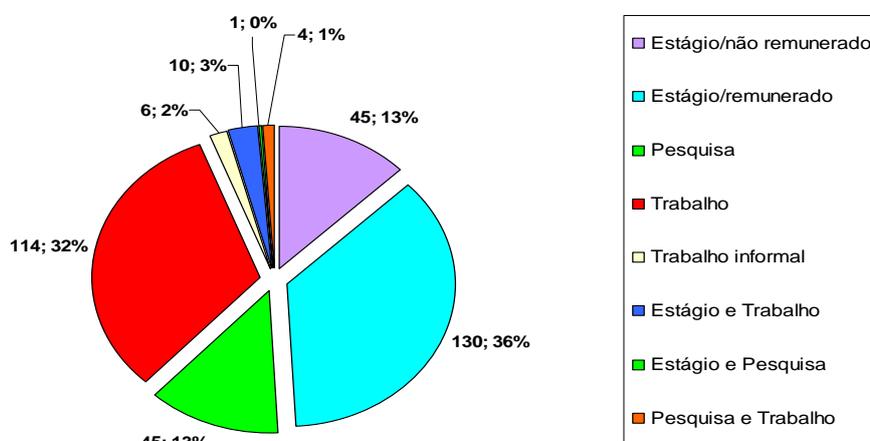
Podemos observar no gráfico 13, que 93% dos alunos atendidos estavam na faixa de rendimento prevista como perfil do FESP. Os 5% que apresentam-se acima do rendimento permitido foram avaliados e desligados do Projeto, no início do ano letivo de 2008. Os 2% que não informaram devem-se ao fato de ainda estarmos em processo de realização de entrevistas e estudo sócio- econômicos, sendo assim, os mesmos não estavam com a documentação completa para que pudéssemos realizar o estudo socioeconômico.

Desta forma, podemos afirmar que os alunos atendidos pelo FESP encontram-se em condição de pobreza, não em extrema pobreza, uma vez que não utilizamos como método de definição do público alvo os parâmetros das políticas de transferência de renda (1/4 do salário mínimo da renda per capita familiar), ou seja, a renda familiar bruta dividida pelo número de membros da família.

A pobreza a qual nos referimos no caso do FESP trata-se do conceito para além da carência material. Segundo Martins (2003), a sociedade brasileira está baseada na desigualdade social, expressa na dicotomia entre o desenvolvimento econômico que permite acesso ao bem estar de uns, e a privação, a pobreza, e a marginalização social de outros.

Dentre o público pesquisado, somente 355 alunos declararam exercer algum tipo de atividade laboral, dentre elas: estágios, pesquisas ou trabalho. Vejamos o gráfico a seguir.

Gráfico 14 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo atividade laboral exercida pelos mesmos



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2007

Observa-se que a principal atividade é o estágio remunerado, seguido do trabalho. Estágio não remunerado e pesquisa ocupam a mesma posição. Os estágios podem ter duas modalidades, os curriculares e os extra-curriculares. Em muitos casos, os alunos têm que fazer os dois, pois o extra-curricular, geralmente remunerado, não é reconhecido em termos acadêmicos, sendo assim, acumulam funções e atividades, para além de serem estudantes. É importante salientar que 15 alunos realizam múltiplas jornadas, entre estágios, trabalho, pesquisa e os estudos da graduação.

A atividade de pesquisa é considerada por muitos, como uma forma de garantir renda e compor os ganhos familiares.

Outro dado importante, observado na pesquisa refere-se às características demográficas dos alunos atendidos, dentre elas, o local de origem familiar, tipo de moradia e condições de ocupação da moradia. Iniciaremos com a análise do local de origem.

Tabela 7 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo local de origem

Município	nº de alunos
RIO DE JANEIRO	517
SÃO JOÃO DE MERITI/RJ	46
DUQUE DE CAXIAS/RJ	45
NOVA IGUAÇU/RJ	36
SAO GONÇALO/RJ.	28
BELFORD ROXO/RJ	13
MAGÉ/RJ	6
NILOPOLIS/RJ	6
MESQUITA/RJ	4
QUEIMADOS/RJ	3
NITERÓI/RJ	6
RIO BONITO/RJ	3
ITAGUAI/RJ	2
BOM JARDIM DE ITABAPOANA/RJ	2
VOLTA REDONDA/RJ	2
PETROPOLIS/RJ	2
PIABETÁ/RJ	1
ANGRA DOS REIS/RJ	1
DUAS BARRAS/RJ	1

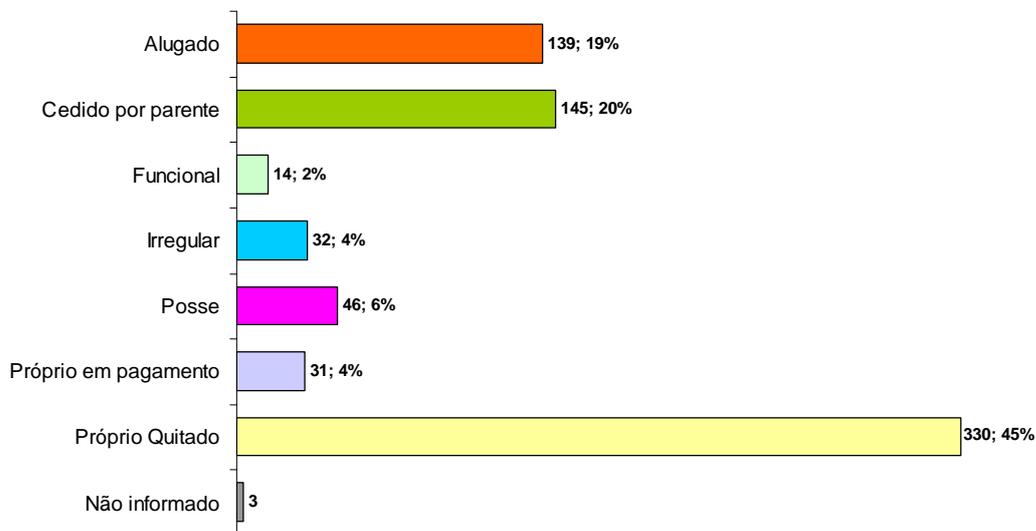
ENGENHEIRO PAULO DE FRONTIN/RJ	1
MARICA/RJ	1
NOVA FRIBURGO/RJ	1
PATY DO ALFERES/RJ	1
SANTO ANTONIO DE PADUA/RJ	1
SILVA JARDIM/RJ	1
TERESÓPOLIS/RJ	1
PIRAPITINGA/MG	2
GUAÇUÍ / ES	1
BREJETUBA/ES	1
RORAINÓPOLIS/RO	1
TAUBATÉ / SP	1
CAMPINAS/SP	1
UBERLÂNDIA/MG	1
BARBACENA/MG	1

Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pela equipe de serviço social do Projeto FESP – 2007

A grande maioria dos alunos atendidos no FESP são da cidade do Rio de Janeiro (517) representando 73% do público atendido pelo FESP em 2007, seguida de municípios da Baixada Fluminense, dentre eles, São João de Meriti (6%), Duque de Caxias (6%), Nova Iguaçu (5%). Os alunos procedentes de outros Estados são bolsistas ProUni, uma vez que o Programa disponibiliza vagas para IES Privadas em todo País.

Com relação ao tipo de moradia que os alunos residem com suas respectivas famílias, nos locais de origem acima citados, temos 541 alunos morando em casas, 163 residindo em apartamentos e os demais, em quartos ou vagas. Passemos a condição de ocupação dessas moradias.

Gráfico 15 – Distribuição dos alunos atendidos pelo FESP, durante o ano de 2007, segundo condição de ocupação



Fonte: Fichas de cadastro e estudo socioeconômico utilizadas pelo Serviço Social do Projeto FESP – 2007

Chama atenção no gráfico 15 o alto índice de condição de ocupação próprio/quitado, representando 45% do total, seguido por moradias cedidas por parentes (20%) e alugadas (19%), as demais representam juntas 16% do total.

De maneira geral, podemos dizer que os dados apresentados nos gráficos da presente pesquisa demonstram que a maioria dos alunos atendidos no FESP é do sexo feminino (64%), são jovens com maior incidência na faixa etária entre 21 e 24 anos (37%), são solteiros (91%) e residem em sua maioria com os familiares (93%). As famílias são compostas em sua maioria entre três e quatro membros familiares incluindo os alunos, representando 55% do total. Com relação ao rendimento familiar, 48% possuem $\frac{1}{2}$ salário mínimo por membro da família. Apenas 48% do público pesquisado declararam exercer alguma atividade, ou seja, 355 dos 740 alunos atendidos pelo FESP. No universo de 355 alunos, 36% realizam estágios remunerados, 32% trabalham formalmente e 13% realizam pesquisa, possuindo assim, rendimento próprio. No que se refere a moradia familiar, a maioria dos alunos tem origem no município do Rio de Janeiro (73%), seguidos de alguns municípios da Baixada Fluminense. Residem geralmente em casas (73%), seguido por apartamentos (22%), em sua maioria são residências próprias (45%), o que pode caracterizar que as mesmas

estejam em locais periféricos, entre morros, favelas e comunidades, onde são comuns as casas.

Em suma, os alunos atendidos pelo FESP estão presentes em todos os cursos de graduação PUC-Rio, representam o atendimento a todos os tipos de bolsistas, com destaque para os Ação Social e os ProUni. São em sua maioria pobres, provenientes de comunidades, favelas ou periferia do município do Rio de Janeiro, são em sua maioria solteiros e residem com suas famílias.

A partir do perfil dos alunos atendidos pelo FESP, podemos agora realizar a análise das entrevistas dos alunos.

4.2. As percepções dos alunos sobre: permanência no ensino superior, a PUC-Rio e o FESP

Apresentaremos a seguir a segunda etapa da pesquisa, que teve por objetivo conhecer a percepção do aluno sobre o FESP, o acesso e a permanência no ensino superior e o ProUni, bem como, os motivos da escolha da PUC-Rio, bem como, a Universidade que deseja cursar na graduação e seus rebatimentos na vida de estudante. Em seguida, apresentaremos quais as estratégias criadas pelos alunos para frequentar a Universidade antes de ser atendido no Projeto, o significado de ser atendido pelo FESP e a avaliação do mesmo, acompanhado de sugestões de mudança e aperfeiçoamento.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de abril e maio do ano de 2008, na PUC-Rio, em salas de aula que estavam disponíveis nos horários agendados. Todos os entrevistados concordaram em realizar a entrevista e assinaram o termo de consentimento²⁶. O roteiro elaborado para as entrevistas²⁷ foi composto por quinze perguntas, sobre os temas relacionados a pesquisa.

O público alvo das entrevistas foi definido a partir da seleção dos seguintes critérios: 1) alunos pertencentes a famílias com menor rendimento líquido, atendidos pelo Projeto (R\$ 0,00 a R\$ 190,00), ou seja, menos de ½ salário mínimo; 2) serem bolsistas ProUni ou Ação Social, representando a

²⁶ Termo de consentimento – Anexo 8

²⁷ Roteiro de entrevistas – Anexo 9

maioria dos alunos atendidos; 3) Alunos que residem com mais de 5 pessoas, ou seja, famílias com mais de 6 membros.

Foram selecionados 19 alunos, entretanto, 16 se dispuseram a conceder a entrevista, representando 84% do público definido. Consideramos uma boa adesão, uma vez que a participação na pesquisa foi voluntária.

Os alunos entrevistados compõem um grupo de: dez homens e seis mulheres, sendo um público predominantemente jovem, entre 21 e 25 anos (três tinham acima de 29 anos e um 39 anos). Os cursos representados são: Administração (2), Comunicação Social (3), Desenho Industrial (2), Direito (2), Engenharia (1), Informática (1), Letras (3), Pedagogia (1) e Psicologia (1). A maioria dos alunos estava no sétimo período da graduação, sendo assim, possuíam mais de dois anos de atendimento pelo FESP. Com relação à bolsa de estudos temos: oito alunos bolsistas de Ação Social e oito bolsistas do ProUni. A forma de acesso a Universidade foi diversificada, seis alunos ingressaram pelo vestibular e dez pelo ENEM, vale ressaltar, que destes dez, dois são bolsistas de Ação Social. No que diz respeito ao local de moradia, doze são do município do Rio de Janeiro, subdivididos em algumas áreas geográficas da cidade: cinco na zona oeste, três na zona norte, dois no centro e um na zona sul. E ainda, temos um aluno de Nova Iguaçu, um de São Gonçalo e dois alunos que têm o local de moradia bem mais distantes: um no interior do Estado do Rio de Janeiro e outro no estado de Minas Gerais. Atualmente estes alunos residem através do auxílio moradia, concedido pelo FESP, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, próximo a Universidade. No que se refere ao estado civil, a maioria é solteira, sendo somente um casado.

Iniciamos as entrevistas perguntando quanto a forma de preparo para o exame de ingresso na PUC-Rio, seja ele vestibular ou ENEM. Todos os bolsistas de Ação Social, tiveram vínculo com os Pré - Vestibulares Comunitários (PVCom.), sendo eles: PVNC – Pré - Vestibular para Negros e Carentes (Movimento Social); EDUCAFRO – Educação para Afro – descendentes (ONG); ou os chamados Independentes, ou seja, que atuam sem ligação com os demais. No caso dos bolsistas do ProUni somente dois passaram por Pré-Vestibular Comunitário, os demais foram provenientes de escolas públicas de ensino médio e técnicas.

Outra informação pesquisada foi sobre a continuidade do vínculo com os PVCom, somente três dos alunos bolsistas de Ação Social continuam a

desenvolver atividades nos mesmos, sendo um professor, um editor do jornal de circulação interna e um que atua na sua área de Psicologia como estagiário.

As demais respostas a pesquisa foram agrupadas em três eixos principais: o primeiro relacionado à percepção dos mesmos sobre acesso e permanência no ensino superior, o segundo sobre a PUC-Rio, e finalmente, o terceiro onde buscamos conhecer as estratégias utilizadas no enfrentamento de questões relacionadas à vida acadêmica e a visão que possuem do FESP. A fim de resguardar a identidade dos bolsistas, todos serão identificados por nomes fictícios.

4.2.1. O significado do acesso e permanência no Ensino Superior

Os alunos, de forma geral, consideram o acesso ao ensino superior uma etapa da educação elitizada, por compreenderem que somente uma classe abastada consegue usufruir desse direito. A presente afirmação fica clara no uso de algumas palavras com as quais referem-se a classe social diferente da deles, tais como, ‘camadas superiores’; ‘elite’; ‘classe média ou média alta’. Podemos exemplificar com as seguintes falas:

“[...] o acesso das pessoas das camadas populares ao ensino superior ainda é uma novidade, são poucos ainda que conseguem chegar, comparando com o patamar das pessoas de classe média e alta que conseguem chegar. Mas eu acho que o ensino superior tá num processo que se continuar andando da forma que está, pode haver uma universalização, [...] mas, por enquanto, no contexto atual, eu acho que é uma realidade pouco vivida pelas camadas populares e muito ainda vivida pelas camadas mais superiores.”[Aline, aluna de Pedagogia e bolsista ProUni]

“[...] Eu acho que o acesso tinha que ser generalizado e todas as pessoas tivessem a chance de pelo menos poder entrar e tentar, eu acho que deveria ser amplo, não deveria ser de uma elite, uma minoria, deveria ser acesso de todos.” [Valéria, aluna de direito e bolsista ProUni]

De acordo com Carvalho (2007), o ensino superior no Brasil Imperial constituiu-se para a elite econômica, os filhos de famílias de recursos, cursavam direito ou medicina, numa das quatro instituições de ensino do país, e todas cobravam anuidades. A população pobre poderia estudar, em escola pública até o ensino secundário. Os escravos, como já foi dito no primeiro capítulo da presente dissertação, eram analfabetos, quadro que só começou a mudar

posteriormente. Segundo o autor, em 1920, os analfabetos ainda representavam 76% da população total.

A visão do ensino superior freqüentado por uma elite econômica fundamenta-se, nas bases da desigualdade econômica e política nacional, logo, é comum que seja vista dessa forma pelos alunos.

Contudo, alguns alunos abordam o ProUni como uma forma de democratizar o acesso ao ensino superior, outros sinalizam fragilidades do Programa, com relação à mercantilização do ensino e o uso eleitoral do mesmo.

“Acho bom, porque dá mais chance das pessoas acessarem as universidades principalmente acho assim, pelo ensino que tiveram, não tem nem condições de entrar assim em universidades públicas, não tem uma base sólida, também não tem dinheiro para pagar uma particular. E é um meio de acesso.” [Marcelo, aluno de Direito, bolsista ProUni]

A questão da mercantilização do ensino superior é um assunto discutido amplamente, principalmente após a homologação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996. Segundo Corbucci (2002), em 1999 o ensino superior no Brasil atendia a 2,3 milhões de alunos, sendo que a 65% deles estudavam nas instituições de ensino privadas. O ProUni reforça a lógica da transferência de responsabilidade pública para o privado, uma vez que, incentiva a entrada de alunos no ensino superior privado através de isenção de impostos destas instituições, conforme abordamos no primeiro capítulo.

Também relacionado a esse assunto, os alunos abordam a questão da qualidade do processo de ensino-aprendizagem de algumas instituições que aderiram ao ProUni, algumas delas consideradas de baixa qualidade pelos mesmos. Paulo, aluno de Comunicação Social, bolsista do ProUni: “Eu acho que o acesso ficou muito fácil agora ao ensino superior, não ao de qualidade. [...]”

A mesma preocupação também é expressa por Vagner, aluno de Letras e bolsista ProUni:

“Acesso a formação mais ampla como eu tenho, acredito que muitos não têm, ainda é restrita. Então o acesso por um lado se tornou mais fácil. Muitas faculdades que facilitam pelo sistema de vestibular, de avaliação de entrada, mensalidade. Mercadologicamente tornam o ensino algo mais objeto do que aquisitivo.” [Vagner, aluno de Letras e bolsista ProUni]

Em 2006, o Jornal Folha de São Paulo²⁸ publicou uma reportagem sobre a qualidade dos cursos de graduação que aderiram ao ProUni. Segundo dados do ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), realizado pelo MEC, cerca de 48% dos cursos avaliados estão com os piores conceitos. Porém, estes serão desligados do Programa somente depois de três desempenhos insatisfatórios.

O MEC avalia periodicamente o ensino superior, através do SINAES, atendendo às exigências de avaliação previstas no Plano Nacional de Educação (2001). Contudo, como vimos anteriormente, tal Plano prevê ações que objetivam respostas aos organismos internacionais, logo, é um dos instrumentos de implementação da política neoliberal na educação. Entretanto, mesmo com avaliação insatisfatória, os cursos continuam oferecendo bolsas do ProUni, o que dá margem aos questionamentos feitos pelos alunos, no que se refere à qualidade do ensino ministrado.

Outro aspecto apresentado foi o uso eleitoral do ProUni e demais programas sociais. Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni, faz a crítica ao sistema de ensino.

“Não sei se eles fazem o ProUni realmente por causa das pessoas, acho que é muito mais por causa de votos. Tanto que todo mundo fala, todos os partidos falam que vão manter. E se tivesse essa preocupação com as pessoas eles melhorariam o ensino. Embora eu ache o projeto muito bom, acho que ele sozinho, ele acaba ficando sem perna, digamos assim, ele deveria viabilizar a melhoria do ensino.” [Francisco, aluno de Administração e bolsista ProUni]

As políticas de acesso ao ensino superior, como visto anteriormente, estão inseridas na lógica neoliberal de desenvolvimento de políticas focalizadas, em detrimento da garantia dos direitos sociais através de políticas universais. Um dos alunos trouxe para o momento da entrevista dados e fez uma reflexão interessante sobre o acesso ao ensino superior, neste caso nos referimos a Eduardo, estudante de Comunicação Social e bolsista ProUni.

“A gente pode tomar isso pelos dados. Os dados apontam quase sempre um acesso limitado, parece que hoje pouco mais de 10% dos jovens entre 18 e 24 anos estão na Universidade, isso é muito pouco. Se pensar que 90% não

²⁸ Reportagem escrita por Luciana Constantino, em 28/08/2006. Extraído do site: <http://tools.folha.com.br/send?url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffolha%2Feducacao%2Fult305u18895.shtml&site=emcimadahora>
Capturado em 01/09/2006

ingressam na Universidade por muitos fatores um deles é claro a dificuldade da Universidade pública por ser de um processo seletivo muito concorrido, os alunos egressos de escolas particulares por ter formação melhor acabam conseguindo as vagas quase todas e os alunos de escolas públicas são prejudicados por não poderem pagar pré-vestibulares, porque são muito caros. [...] mas, o ProUni funciona como um paliativo talvez, mas ele funciona. Alunos que não teriam como entrar na Universidade pública e não teriam como pagar particulares, acabam tendo essa chance. Alunos com renda financeira baixa. ” [Eduardo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni]

Da mesma forma, alunos que não são bolsistas do ProUni também demonstram em seus discursos a crítica ao acesso ao ensino superior, no que se refere a uma visão mais geral do assunto. É o caso de Maura, aluna de Letras e bolsista Ação Social.

“Ainda é muito restrito, ainda com o ProUni. [...] O ensino superior em geral, eu acredito que ele ainda não está totalmente universalizado. [...] A porcentagem de pessoas que tem acesso ao ensino superior é pouca, porque colocam o ProUni como uma medida de universalização, eu não acredito nisso. Eu acho que as universidades públicas deveriam abrir mais vagas para que essas pessoas pudessem cursar o ensino superior numa Universidade pública também.” [Maura, aluna de letras e bolsista Ação Social]

E ainda de Nelma, aluna de Comunicação Social e bolsista Ação Social.

“Então, eu vejo como um funil ainda, que privilegia quem teve um ensino médio de qualidade, infelizmente, a gente não tem educação básica de qualidade na rede pública, você tira poucos exemplos: Pedro II, os CAP's, mas, que também tem seu processo seletivo, que também privilegia as pessoas que já vem de uma escola de primeiro grau forte, que são as particulares. Porque na escola municipal você tem aprovação automática, a média é quatro, enfim, não tem como ter educação de qualidade. Então eu vejo que ainda tá longe das pessoas terem acesso amplo ao ensino superior no Brasil.” [Nelma, aluna de Comunicação Social e bolsista Ação Social]

As falas apresentadas demonstram crítica às desigualdades no sistema educacional brasileiro. A primeira disserta sobre a importância do ensino público e gratuito, e a segunda se remete ao acesso propriamente dito, contudo, apresenta o elemento de entrada dos alunos oriundos das escolas federais, e ainda, apresenta o problema da aprovação automática no ensino fundamental.

Consideramos importante o fortalecimento das IES públicas, uma vez que, em princípio, seriam garantidoras do direito à educação. É importante salientar que o Governo Lula, tem discutido a Reforma do Ensino Superior, e que há legislação específica tramitando no Congresso. Para além disso temos o Reuni –

Programa que visa a expansão das IES federais, e que tem como principal objetivo incorporar esforços para a concretização de uma política nacional de expansão do ensino superior público, respondendo ao objetivo do PNE (2001) que visa inserir pelo menos, 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, até 2011.

O ensino superior, como vimos no primeiro capítulo, tem sido tema de discussão na atualidade e a Reforma, se faz presente tanto através do ProUni quanto do Reuni, Programas que visam a inserção dos jovens neste nível de ensino, para cumprir as diretrizes estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação em 2001, em consonância com o ajuste neoliberal.

De fato, para o acesso ao ensino superior é necessário que se faça o ensino fundamental e médio de qualidade, que possibilite aprovação em vestibulares ou no ENEM. No entanto, os pré-vestibulares comunitários realizam um papel importante na formação dos vestibulandos, com o objetivo de sanar essas faltas, mesmo não sendo esse seu dever, mas sim do Estado, uma vez que, segundo a Constituição Federal de 1988, o responsável por garantir ensino de qualidade em todos os níveis.

Em alguns casos os alunos entrevistados fazem uma leitura geral da questão, no âmbito mais social e político, em outros, eles se colocam como atores do processo e deixam claro de que lugar social falam. Podemos exemplificar com duas colocações diferentes:

“Primeiro lugar, é uma conquista é uma vitória, principalmente para gente que tem condição mais baixa é muito complicado isso acontecer, principalmente numa faculdade como a PUC. [...] É um marco na carreira, se você não tem ensino superior você não tem uma profissão. Apesar de ser meio estranho dizer que não tem uma profissão, é algo completo na verdade, e hoje em dia, não tem como não ter uma faculdade no mercado de trabalho.” [Nely, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

“Está acontecendo um funil, né. Porque o ensino de colégio público está cada vez pior. [...] E outra coisa também é que a pessoa entra na faculdade, mas não tem como se manter. Então, entrar na faculdade, embora seja uma vitória, para muita gente é uma decisão muito difícil, por que tem gente que tem que deixar de trabalhar, tem que fazer muita coisa, e é complicado.” [Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni]

O acesso ao ensino superior é uma temática que envolve diferentes agentes. O Estado, enquanto responsável por garanti-lo. As instituições de ensino, responsáveis por ministrar a educação com qualidade. Os alunos, o sujeito que é objeto da ação educacional e protagonista do processo. Não

podemos esquecer do corpo docente que produz conhecimento para e com o aluno, e ainda, os trabalhadores do corpo administrativo das instituições.

O aluno, enquanto objeto principal do processo coloca em diversos momentos a questão da permanência no ensino superior, uma questão presente no cotidiano de sua vida acadêmica.

Podemos observar que metade dos alunos entrevistados associa a permanência a condições financeiras de cursar a graduação. Os demais citam situações individuais, como o esforço acadêmico para acompanhar os conteúdos do curso. Desta forma, temos aspectos objetivos e subjetivos que influenciam na permanência no ensino superior.

Segundo Nely, aluna do curso de Letras e bolsista Ação Social: “Permanência no ensino superior vai depender das condições financeiras que a pessoa tem.” Já para Vagner, aluno do mesmo curso e bolsista ProUni, a permanência tem outro sentido.

“Permanência no meu caso significa projeto de vida. [...] e projeto de vida, é um significado filosófico, porque minha origem também é humilde, então eu acho que educação é fundamental e também a permanência é um pouco de batalha, não sei se merecimento, mas, de esforço, de disciplina e de traçar objetivos e cumprir metas.” [Vagner, aluno de Letras, bolsista ProUni]

A permanência para Vagner, tem o sentido de mérito pessoal, cumprimento de uma meta estabelecida por ele para sua vida. Contudo, o diálogo sobre o significado da permanência no ensino superior suscita outros aspectos, como a questão da nota, ou seja, do rendimento acadêmico. Vejamos o que diz Paulo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni.

“Eu acho que é meio difícil também porque não só pela questão de estudo. Porque uma faculdade como a PUC cobra muito e se você não estudar perde a bolsa ou acaba sendo reprovado. [...]” [Paulo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni]

A perda da bolsa por não ter o rendimento suficiente é uma preocupação comum dos alunos, sejam eles, bolsistas Ação Social ou ProUni.

No caso dos bolsistas de ação social, a exigência de rendimento não existe oficialmente, contudo, a cobrança é expressa pelos próprios alunos, mas ligada a uma questão de reconhecimento moral da bolsa de estudos.

Já para os bolsistas ProUni, o aproveitamento é algo estipulado pelo Programa: “O estudante vinculado ao PROUNI, beneficiário de bolsa integral ou parcial de cinquenta por cento, deverá apresentar aproveitamento acadêmico em, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) das disciplinas cursadas em cada período letivo.” (Portaria MEC nº 599/2006). A exigência de aproveitamento acadêmico do Ministério da Educação refere-se à aprovação em 75% das disciplinas, não à nota, o chamado coeficiente de rendimento, ao qual nos referimos nos caso dos bolsistas de Ação Social. Todavia, percebemos que não é claro para os alunos do ProUni, como se constitui esse percentual, o que não impede que ele também carregue consigo um vizez moral de reconhecimento da bolsa de estudos.

Tal inquietação aparece na fala de Ricardo, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social.

“Tá sempre estudando, não ‘dar mole’, gastar tempo com livro, pesquisando, tá sempre tentando aprender, para não ser surpreendido, que nem quando eu entrei, fui surpreendido com muita coisa, muita matéria, eu pensei que o ritmo era outro. Tranquei matéria, mas depois acostumei com a PUC.” [Ricardo, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social]

No que se refere ao valor moral da bolsa, podemos citar Felipe, aluno de Administração, bolsista Ação Social.

“[...] muitos conseguem a bolsa e não fazem esforço, então é bom essa análise né, de fazer com que o aluno se dedique, e ele percebendo que ele pode perder, é um incentivo a mais para permanecer na faculdade já que ele quer realizar seus planos, seus sonhos.” [Felipe, aluno de Administração e bolsista Ação Social]

Tendo em vista o discurso de Felipe, fica clara a lógica da concessão, da dívida, não a do direito. O olhar dos alunos sobre o assunto imprime essa marca as bolsas de estudos, tanto Ação Social quanto ProUni. Segundo Sales (1994), a cultura da dívida é a base da desigualdade social, uma vez que no Brasil às relações sociais estabelecem-se na dicotomia do mando versus a subserviência, desde os tempos de Colônia.

A lógica da dívida e da concessão também está atrelada a construção da assistência social e do seu público alvo, os chamados desfavorecidos, desvalidos, pobres, assistidos, enfim, presente ainda na atualidade, mesmo com o reconhecimento da assistência social como direito.

Agrega-se ao valor moral da bolsa o desafio de estudar, o encontro com uma nova realidade, até então, pouco conhecida dos alunos. Vejamos o que diz Gaspar, aluno de Design e bolsista Ação Social:

“A palavra chave acho que é desafio, você tem vários contratempos, inclusive o financeiro, tem pessoas que tudo bem, você teve bolsa e agora? Como é que você vai para a faculdade? Como é que você vai participar de atividades com seus amigos? Como é que você vai participar de trabalho de campo, material didático, enfim, isso tudo soma. Então, acho que realmente a palavra chave, primeiro para pessoas beneficiadas pelo FESP, sei lá, de baixa renda, é desafio.” [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

Valéria, aluna de direito e bolsista ProUni, corrobora com a colocação de Gaspar:

“Garra, luta, e muita determinação, que quando eu entrei aqui na PUC, eu achava que tinha dado o maior passo da minha vida, foi o primeiro dentre muitos outros que eu tô dando, a cada período da minha vida, são provas, leituras de texto que às vezes você tem que correr atrás, pegar caderno com outros, tentar tirar xerox escondido no trabalho, é uma luta, eu considero a permanência aqui matando um leão a cada dia. Para mim, é muita garra.” [Valéria, aluna de Direito, bolsista ProUni]

A determinação pessoal para enfrentar as situações relativas a permanência também é um fator apontado pelos alunos.

Outro elemento apresentado foi a permanência no ensino superior atrelada às condições financeiras de sustentar seus gastos pessoais e familiares durante o curso.

Para Maura, aluna de Letras, bolsista Ação Social, permanência no ensino superior é: “[...] ter condições de finalizar seu curso. [...] Se eu não tivesse esse benefício do FESP com certeza eu não terminaria.”

Nelma, aluna de Comunicação Social e bolsista Ação Social, complementa a definição de Maura, referindo-se à questão do trabalho.

“É para aqueles que conseguem passar no vestibular, aí tem a segunda barreira que é a permanência que muitas vezes a pessoa está desempregada, ou precisa abdicar do trabalho para fazer a faculdade, dependendo do horário, tem cursos que são integrais quer dizer, ou a pessoa opta por fazer o curso e fica sem renda para ir e vir para faculdade e acaba trancando, ou a pessoa tranca porque não pode deixar de trabalhar.” [Nelma, aluna de Comunicação Social, bolsista Ação Social]

Podemos citar duas formas recorrentes de garantir a permanência, o trabalho, enquanto forma de subsistência, e o apoio da família, ou alguns casos

de amigos, entre outros personagens, que se esforçam para que os alunos possam freqüentar a Universidade.

O aluno trabalhador é uma realidade presente no ensino superior. Segundo Zago (2006) em seu estudo sobre acesso e permanência de estudantes universitários de camadas populares, o acesso é considerado por eles uma vitória, contudo a permanência implica em apoio familiar e algum tipo de atividade remunerada.

“Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. [...] Com um ‘pé de meia’ para os primeiros tempos na universidade, os jovens dão início a seus estudos de nível superior sem ter certeza de até quando vão poder manter sua condição de universitários. Para viabilizá-la, tentam obter uma renda mediante alguma forma de trabalho em tempo completo ou parcial. No momento da pesquisa, do total de 27 estudantes, 21 tinham renda entre um e dois salários mínimos.” (ZAGO, 2006, p.233)

Segundo Zago (2006), a situação de estudante-trabalhador é recorrente entre as chamadas camadas populares, sendo o trabalho exercido em tempo parcial ou integral, com o objetivo de suprir suas necessidades financeiras. A família, apesar de solidária, enfrenta dificuldades para manter o aluno na Universidade, e, portanto, para complementar a renda, ele trabalha.

No caso de Francisco, aluno de Administração e bolsista ProUni, a família se organizou para ajudá-lo a continuar na faculdade, antes dele ser atendido pelo FESP.

“Permanecer é mais difícil que entrar (risos). Eu lembro que no meu primeiro período meu pai ainda me dava o dinheiro da passagem, mas no segundo ele perdeu o emprego e eu comecei a vir com o cartão da escola estadual, aí vinha com aquela fome porque tinha aula de 11 horas às 17 horas, e aí, eu não comia nada, corria para casa para comer, Xerox você se mata para tirar no início. Para permanecer tem que ter muita força de vontade, porque é bem complicado.” [Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni]

A fala de Alex, aluno de Psicologia e bolsista Ação Social, expressa uma das brincadeiras do meio universitário que pode servir de figura de linguagem para as situações de dificuldade passadas pelos alunos e resume bem o pensamento dos alunos com relação a permanência no ensino superior.

“Eu sempre tenho aquela brincadeira, *passar é fácil, continuar é que é difícil*. [...] eu tô aproveitando bem esse local, muito pela ajuda do FESP, eu acho que foi um período muito legal, uma ajuda muito boa, que veio numa hora muito boa, eu acho que a permanência ela é difícil [...] não é qualquer um que vem para cá,

que continua que traça a meta e vai nesse objetivo até o final” [Alex, aluno de Psicologia, bolsista Ação Social]

Como podemos perceber, a permanência no ensino superior abrange desde aspectos individuais, de alcance de objetivos e metas, passando por desafios de várias ordens, até chegar as condições financeiras de freqüentar o curso. Tendo como base os atendimentos realizados no FESP, a permanência dos alunos depende, em muitos casos, da família, uma vez que eles, como vimos são em sua maioria jovens, solteiros e pobres.

Mas, o que significa ser um estudante da PUC? Uma das universidades mais caras do país, pioneira em vários aspectos e reconhecida academicamente pela sua excelência no desenvolvimento de pesquisas. É o que veremos a seguir.

4.2.2. A visão sobre a PUC-Rio

Para os alunos bolsistas, tanto de Ação Social quanto do ProUni, a escolha da Universidade e o significado de nela estudarem, são questões que carregam aspectos importantes para entendermos como percebem a instituição de ensino e se vêem fazendo parte dela.

Desse modo, perguntamos aos alunos o porquê da escolha da PUC-Rio para estudar. Como na maioria das respostas, temos aspectos individuais e coletivos expressos nas falas dos alunos.

Os aspectos individuais vão desde, sempre ter vontade de estudar na PUC, passando pela proximidade entre a Universidade e a residência do aluno e chegando a escolha por acaso. Dentre outras, vejamos a fala de três dos entrevistados:

“Nossa, é uma relação de amor! Desde que eu me entendia por gente eu falava: ‘Gente uma das faculdades que eu gostaria de estudar é a PUC’, mas eu não via isso como possibilidade, então eu nunca coloquei isso como sonho, quando botei cinco faculdades para escolher, eu botei a PUC em primeiro lugar [...]” [Valéria, aluna de direito, bolsista ProUni]

“[...] a distância de minha casa e a qualidade foram os principais fatores para eu escolher a PUC.” [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

“Bom, eu escolhi assim no acaso, não conhecia a PUC quando eu escolhi a universidade. E eu queria sair de... (cidade natal do aluno). Eu não queria continuar ali.” [Paulo, aluno de Comunicação Social, bolsista ProUni]

As respostas apresentadas acima são exemplos de motivos individuais. Contudo, foram apresentados outros elementos relacionados à Universidade em si, a imagem da PUC-Rio, enquanto centro de excelência acadêmica, que possui uma boa infra-estrutura de ensino, e ainda, aparece a questão da greve nas universidades públicas.

Para Nely, aluna de Letras e bolsista Ação Social, a imagem da PUC é muito importante.

“Porque é considerada a melhor faculdade do Brasil, do Rio de Janeiro e, além disso, não tem greve, tem uma infra-estrutura muito boa. E faz bem para o currículo (risos).” [Nely, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

Eduardo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni, referencia-se claramente à questão da excelência acadêmica.

“A gente sempre recebe a imagem da PUC como em centro de excelência a Universidade acima dos padrões, à parte das particulares, uma Universidade que talvez tenha o mesmo peso de uma pública em formação profissional e infra-estrutura.” [Eduardo, aluno de Comunicação Social, bolsista ProUni]

No caso de Marcos, aluno de Informática e bolsista Ação Social, o fato de a Universidade ser privada e não ter greve complementa a questão da excelência.

“Por vários motivos: um, pela excelência que o pessoal que já fazia o curso aqui me passava que era uma instituição de excelência; outra, por termos de greve, faculdades do Estado ou Federal, sempre entram em greve e sempre atrasa quem ta se formando”. [Marcos, aluno de Informática, bolsista Ação Social]

A imagem positiva da PUC-Rio, no que diz respeito ao ensino ministrado na mesma, é algo divulgado na mídia mais recente. Segundo novo índice de avaliação de cursos do ensino superior, apresentado em setembro de 2008, criado pelo MEC, a PUC é a única privada entre as dez melhores universidades do país. O Índice Geral de Cursos (IGC), baseia-se na média ponderada dos cursos de graduação e pós-graduação das instituições de ensino e servirá como referencial para nortear as comissões de avaliação institucional, tanto para o MEC, quanto para a instituição de ensino. Pode ser divulgado numa escala de 0 a 500, ou em faixas de 1 a 5, correspondentes a escala.

De acordo com a notícia do Jornal O Globo²⁹ - on line: “Federais dominam ranking das melhores universidades do Brasil, segundo novo conceito do MEC”. Publicada em 08/09/2008. As universidades federais ocupam nove dos dez primeiros lugares no ranking do Índice Geral de Cursos (IGC), sendo a PUC-Rio a primeira Universidade privada a aparecer no ranking, na 9ª posição, com 385 pontos. Vejamos o ranking no Quadro 1.

Quadro 1 – Ranking melhores universidades segundo o IGC/MEC – setembro de 2008.

As 10 melhores universidades do Brasil

NOME	UF	TIPO	PONTOS	
Universidade Federal de São Paulo	Unifesp	SP	Federal	439
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	UFCSA	RS	Federal	425
Universidade Federal de Viçosa	UFV	MG	Federal	417
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	MG	Federal	414
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	RS	Federal	410
Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	MG	Federal	402
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	RJ	Federal	392
Universidade Federal de São Carlos	UFSCar	SP	Federal	390
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	PUC-Rio	RJ	Privada	385
Universidade Federal de Itajubá	Unifei	MG	Federal	381

Fonte: http://www.oglobo.com.br/servicos/pop_infografico.asp?p=fotos/2008/09/08/tabela_edu_universidades.gif&l=617&a=314

Apesar do bom resultado, o Coordenador Central de Graduação da PUC-Rio, contesta o resultado. Assim como, o Prof. Schwartzman³⁰ (UFMG) em seu blog na internet tece uma série de críticas sobre o índice apresentado anteriormente.

Em meio a todas as críticas, o que é noticiado e fica presente no imaginário social é a legitimação da excelência acadêmica da PUC-Rio, seja ela

²⁹Fonte: http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2008/09/08/federais_dominam_ranking_das_melhores_universidades_do_brasil_segundo_novo_conceito_do_mec-548127764.asp

³⁰ Para se aprofundar veja o link:

<http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=747&lang=pt-br>

O blog do Prof. Schwartzman é muito interessante, além de ter suas algumas de suas obras em pdf para consulta sobre assuntos como educação, pobreza, política, dentre outros. Vale uma visita: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/>

medida por índices questionáveis ou não. Alguns dos cursos, são noticiados como sendo os melhores, seja por causa de seu corpo docente, ou pelas pesquisas que a Universidade desenvolve. O que reforça a imagem positiva da Universidade e favorece algumas escolhas.

Existem ainda, outros elementos que podem ser agrupados, entre eles, para os alunos bolsistas de ação social, a parceria estabelecida entre os PVCom, do qual procedem e a PUC-Rio, fizeram com que eles tivessem o primeiro contato com a Universidade e em alguns casos, determinou a escolha.

É o caso de Maura, aluna de Letras e bolsista Ação Social.

“A princípio eu não sabia que a PUC oferecia bolsas. A partir do meu estudo no pré-vestibular comunitário e das reuniões que eu participava eu percebi que a EDUCAFRO que é a ONG que trabalha como pré-vestibulares comunitários, tinha um convênio com a PUC e esse convênio fazia com que eu, aluna, pudesse concorrer a essas bolsas de ação social e foi a partir daí que eu me interessei em cursar Letras na PUC.” [Maura, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

Nelma, aluna de Comunicação Social e bolsista Ação Social, reforça a idéia colocada anteriormente.

“Na verdade a PUC seria uma opção, porque eu já sabia pelo pré-vestibular comunitário que eu fazia a direção já havia conversado com os alunos que quem não conseguisse passar para uma pública poderia tentar a PUC para buscar a bolsa, e aí como eu não tinha condições de pagar uma Universidade particular e não tinha passado por nenhuma das públicas a PUC foi a minha possibilidade de cursar o ensino superior.” [Nelma, aluna de Comunicação Social, bolsista Ação Social]

A resposta acima, traz à tona um elemento importante, o incentivo de estudar na PUC-Rio, só era feito pelos PVCom, depois do resultado das universidades federais, pois este era o objetivo do movimento social, o acesso de alunos pobres e negros nos espaços públicos. A Universidade privada era uma segunda opção para os alunos.

Outro elemento presente na escolha do curso é a possibilidade de conciliar estudo e trabalho. Vejamos a fala de Felipe, aluno de Administração, bolsista ProUni.

“Bom, na verdade eu passei em quatro faculdades, é que as outras três os cursos são de dia e o da PUC seria curso noturno.” [Felipe, aluno de Administração, bolsista ProUni]

Como vimos, ser estudante-trabalhador é uma realidade muito próxima dos alunos atendidos pelo FESP, em alguns momentos, o trabalho determina as escolhas que eles fazem, principalmente no que diz respeito à vida acadêmica.

Ao longo das entrevistas, percebemos diferentes elementos que determinam as escolhas, desse modo, o conhecimento prévio do FESP, também pode ser um deles. Segundo Aline, aluna de Pedagogia e bolsista ProUni.

“É eu escolhi a PUC porque eu sabia que a PUC tinha um programa, porque meu namorado estudava aqui, tinha um programa que atendia e auxiliava as pessoas aqui né, que faziam faculdade, que era justamente o FESP, que dá um auxílio para a gente se manter e eu não ia encontrar isso nas outras que eu passei. [...]” [Aline, aluna de Pedagogia, bolsista ProUni]

O conhecimento prévio de projetos como o FESP, ou até mesmo, programas de auxílios e bolsas, pode ser um dos determinantes para a escolha do curso e do lugar onde o aluno deseja estudar, principalmente, quando esse tem origem na classe-que-vive-do-trabalho empobrecida, como a maioria do público pesquisado para a presente dissertação.

Uma vez feita a escolha pela Universidade, o que significa para esses bolsistas, ser estudante da PUC-Rio, uma instituição privada, considerada de elite, situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro?

Para uns, significa conquista e vitória individual. Como podemos perceber pela fala de Francisco, aluno de Administração e bolsista ProUni.

“Para mim, não só da PUC, mas vestibular assim, foi uma vitória, porque na família ninguém tem, eu e minha irmã fomos os primeiros a entrar na faculdade, entramos juntos. Então foi uma forma de felicidade para minha mãe e tudo mais, [...] então foi uma vitória.” [Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni]

Para outros alunos, suscita sentimentos como: status acadêmico, prestígio pessoal e orgulho. Como podemos verificar nas falas abaixo.

“Um status muito grande que a gente acaba tendo, né, e, além disso, todo conhecimento que a gente adquire aqui é muito importante. Para mim é muito importante ser estudante daqui.” [Nely, aluna de Letras, bolsistas Ação Social]

“Significa tudo na minha vida, é um orgulho quando eu falo que estudo na PUC, eu vejo nas pessoas a admiração, é um status [...]” [Valéria, aluna de Direito, bolsista ProUni]

“Bem, eu tenho orgulho de ser estudante da PUC. As pessoas ficam até boquiabertas mas, eu tenho orgulho [...] Parece que quando a gente fala que é estudante da PUC as pessoas ficam mais confiantes em você.” [Felipe, aluno de Administração, bolsista Ação Social]

Os sentimentos expressos estão ligados à imagem positiva da universidade, aspecto já discutido anteriormente e que se faz presente em diferentes momentos das entrevistas realizadas.

O outro lado da moeda é a questão do privilégio de estudar na PUC-Rio, dito para alguns alunos. Numa perspectiva crítica, se alguém se sente privilegiado por usufruir de um determinado serviço é porque a maioria das pessoas não tem o mesmo direito. No caso do ensino superior, sabemos que já é considerado como algo restrito a uma elite, quando isso se reporta à PUC-Rio, essa questão fica ainda mais evidente, pois está é uma Universidade privada e com mensalidades acima das possibilidades da maioria dos brasileiros.

De acordo com Vagner, aluno de Letras e bolsista ProUni, é um privilégio estudar na PUC-Rio, por ter o que ele chama de uma formação ampla.

“Olha, significa uma formação mais ampla. Eu me sinto privilegiado, até no sentido de, comparando com outra universidade, porque a PUC me oferece aparato não só de professores, pesquisa, tecnológico, acervo tecnológico, biblioteca à disposição, RDC”. [Vagner, aluno de Letras, bolsista ProUni]

Gaspar, aluno de Design e bolsista Ação Social, concorda com a fala de Vagner.

“Bom, significa um privilégio total, em relação aos demais da categoria, vamos dizer, estudantes de colégio público, e principalmente de baixa renda, já que a gente sabe que [...] aqui é uma instituição mais voltada para um público específico, o acesso é muito limitado, então acontece que é um privilégio imenso ta dentro da Universidade[...]”. [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

A educação como privilégio é um tema abordado por Teixeira (2007), quando enfatiza escola como direito, rompendo com a visão de instituição segregada e especializada no preparo de intelectuais, para fortalecer a ideia de escola voltada para o trabalhador. Defende a luta por escola pública e gratuita, principalmente o ensino fundamental. O pensamento e atuação expressas pelo autor podem ser sintetizados em três grandes eixos: a defesa da escola pública universal, a defesa da democracia e da liberdade, como espaços próprios da educação.

Como vimos, a educação pode ser vista como privilégio e no caso do ensino superior, considerada um ensino de elite.

Se estudar na PUC-Rio é reconhecido como um privilégio, o que os alunos percebem de sua bolsa de estudos? De forma geral, os alunos reconhecem a bolsa como uma oportunidade de estudos e crescimento pessoal. Tal percepção ocorre tanto com bolsistas Ação Social quanto ProUni, no entanto de forma diferenciada. Vejamos as falas:

“Então, essa bolsa Ação Social além de abrir esse espaço para as pessoas que não tem condições de pagar a mensalidade, já é até um meio, um mecanismo para dar oportunidade geral, não só no sentido da mensalidade, mas, de cursar uma universidade, abrir um leque, seus horizontes de tudo que você consegue desfrutar da Universidade a partir dessa bolsa.” [Maura, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

“Eu acho que é uma oportunidade única [...] quando eu vim para cá eu achei que fosse uma coisa muito legal, e acabei me surpreendendo com algo muito melhor ainda.” [Alex, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social]

“O ProUni dá uma oportunidade grande e todo mundo que faz ProUni geralmente é muito esforçado porque é realmente a oportunidade da vida da pessoa você não fica esperando alguém pagar, é uma oportunidade única.” [Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni]

“É uma oportunidade sim. Mas eu vejo como uma chance, você vai e faz, você leva a sério até que faz a bolsa valer muito [...] Então, eu vejo mais pela minha parte mesmo, que eu tenho que fazer valer a pena, e não a bolsa valer tudo para mim.” [Paulo, aluno de Comunicação Social, bolsista ProUni]

“No caso do ProUni, olha eu acho uma oportunidade no sentido do que a PUC representa, do que ser estudante da PUC representa. A bolsa foi essencial [...]” [Vagner, aluno de Letras, bolsistas ProUni]

Com relação aos dois tipos de bolsistas entrevistados podemos apontar algumas diferenças. No que diz respeito aos bolsistas Ação Social as percepções estão em torno da questão da oportunidade oferecida pela instituição de ensino e da necessidade de responder a ela com qualidade de aprendizado. Podemos apontar uma relação mais estreita, intimamente ligada a dívida. No tocante aos bolsistas do ProUni, aparecem respostas ligadas a oportunidade de estudo, valor financeiro do curso na instituição, contudo também aparece uma relação de dívida, agora relacionada ao Governo e, não a uma instituição em si.

De fato, a concessão das bolsas se dá de forma diferenciada. O bolsista Ação Social, tem uma relação com a Universidade através dos PVCom, baseada numa parceria, o que pode dar margem a interpretação relacionadas a dádiva, agrega-se a isso, o fato da PUC-Rio ser uma Universidade católica, com valores de solidariedade, dentre outros valores da DSI, implícitos nas relações que se estabelecem no interior da Universidade.

Tal questão fica clara quando um aluno reconhece a bolsa como um benefício, ligado ao sentido de bem-estar. É o caso de Ricardo, aluno de Engenharia e bolsista Ação Social. “Eu vejo como um benefício que eu tenho que estar sempre mostrando serviço, tipo, do que eu mereci ganhar, tenho que estar sempre estudando [...]” [Ricardo, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social]

Além de ser beneficiado, o aluno sente que deve fazer algo para continuar sendo merecedor da bem-estar.

A experiência da PUC-Rio, como instituição que possui um programa de bolsas integrais para alunos oriundos da classe-que-vive-do-trabalho desde a década de 90, comprova que somente conceder bolsas de estudos de isenção de mensalidade, em muitos casos não é suficiente para a conclusão do curso de graduação.

Em suma, temos um quadro social que demonstra a necessidade emergente do freamento das ações neoliberais no ensino superior, através do investimento em universidades públicas que ofereçam condições dignas de manutenção do aluno via programas de assistência na educação, respeitando o princípio do direito. Enquanto isso não se efetiva, existem projetos e iniciativas coletivas que atuam no fortalecimento da classe-que-vive-do-trabalho, e o FESP é um desses, que trabalha no sentido de garantir a permanência no ensino superior de alunos pobres. Buscaremos compreender a seguir o que os alunos pensam sobre o FESP e quais as estratégias criadas por eles antes de serem atendidos.

4.2.3 – A compreensão dos alunos sobre o Projeto FESP

No que se refere ao atendimento no FESP, geralmente os alunos aguardam um semestre para ingressar no Projeto. Esse fator se deve à dinâmica anual de desenvolvimento do Projeto, uma vez que a equipe responsável pela seleção é reduzida à dois assistentes sociais e três estagiárias. Uma das atribuições dessa equipe é entrevistar todos os alunos inseridos nos Projeto e os candidatos, além de atuar na distribuição de auxílios e atividades administrativas. Desta forma, não há disponibilidade de atendimento dos alunos no primeiro semestre da Universidade.

Para além deste fator, percebemos ao longo do desenvolvimento do FESP, que este primeiro semestre sem atendimento é fundamental e extremamente delicado, uma vez que, tanto pode possibilitar a criação de estratégias de enfrentamento das questões que se apresentam no cotidiano da Universidade, levando os alunos a um sentimento de superação das dificuldades iniciais, quanto pode levar ao trancamento ou abandono do curso.

Outro elemento importante é a preocupação da equipe geral do Projeto, no fato do mesmo ser escrito, revisto e assinado a cada ano, dependendo da aprovação anual do principal financiador (ANEAS). Sendo assim, estamos anualmente em processo de avaliação diante da possibilidade de ser aprovado ou não, uma vez que, essa decisão cabe a ANEAS. A equipe do FESP se preocupa no sentido do aluno já ter vivido algum tipo de experiência de enfrentamento das questões, acreditando que desta forma, eles terão mais elementos para arcar com os custos da permanência, caso não tenha os auxílios do Projeto durante a sua graduação.

Passemos às estratégias de enfrentamento das questões vivenciadas na Universidade pelos alunos, antes de serem atendidos pelo FESP. Elas podem ser apresentadas em subgrupos: trabalho, redes de relacionamento (amigos, professores, entre outros) que se solidarizavam com os alunos, apoio familiar, em algumas falas estão presentes diferentes personagens, uma verdadeira rede de apoio para os alunos.

Maura, aluna de Letras, bolsista Ação Social, refere-se à rede de apoio, criada antes de sua entrada e baseada no relacionamento estabelecido do PVCom.

“Teve uma professora que ajudou a gente muito [...] a gente economizava o dinheiro da passagem porque ela dava carona para gente, [...] então abateu no transporte, porque aí eu pegava só um ônibus para ir para casa. [...] Eram tickets de bandeirão que a gente recebia e alguns alunos doavam, né. E isso foi economizando muito. [...] Todo mundo que vinha de pré-vestibular comunitário, quem já tinha uma certa estabilidade que já estava quase se formando sempre dava. [...] Ainda bem que aqui na PUC a gente tem um acervo muito bom na biblioteca, nem tudo a gente tirava xerox, a gente pegava já do livro. [...] ainda assim, era difícil porque você tinha que fazer vários malabarismos.” [Maura, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

O mesmo ocorria com Nely, aluna de Letras e bolsista Ação Social.

“Logo no início a gente tinha um sistema de ajuda mútua. Cada um trazia um lanchinho em relação à comida. E no primeiro semestre nós tivemos uma professora que dava carona para todo mundo. [...]” [Nely, aluna de Letras, bolsista Ação Social]

Outra forma de freqüentar a Universidade, criada pelos alunos é o uso do cartão de passagem gratuita do ensino médio. No caso de Francisco, aluno de Administração e bolsista ProUni, também se impuseram as questões relacionadas a uso de fotocópias e alimentação.

“Eu usava o meu cartão de passagem, eu pegava xerox das pessoas, as vezes elas tiravam antes, então: ‘deixa que eu leio agora’, eu lia num dia e devolvia no dia seguinte, lia à noite. Saía correndo para casa para comer, morria de fome, pegava livro na biblioteca, ficava lá e tudo mais.” [Francisco, aluno de Administração, bolsista ProUni]

No que tange ao mundo do trabalho, também presente nos discursos, podemos perceber situações de economia de dinheiro, e ainda, de realização de hora extra para cobrir os gastos.

Para Nelma, estudante de Comunicação Social, bolsista Ação Social, a situação se torna mais grave, pois no início da Universidade assume a função da maternidade. A falta de recursos financeiros obriga-a a escolher disciplinas para estar presente na faculdade.

“Estava de licença maternidade e juntou com férias, esse dinheiro do salário e da licença maternidade era para pagar a passagem. [...] Quando começaram as aulas em março de 2005, aí eu já não tinha mais nada porque eu precisei pedir demissão [...] Aí eu fiquei sem dinheiro e tive que priorizar as aulas mais importantes. Faltava nos professores que não faziam chamada, para poder não gastar tanto. [...] As minhas amigas que estão hoje comigo se formando, elas me ajudavam pegando a matéria, copiavam para mim, e eu tive muita ajuda das amizades aqui na faculdade para poder tirar boas notas que eu precisava na condição de bolsista você não pode repetir nem trancar.” [Nelma, aluna de Comunicação Social, bolsista Ação Social]

A questão do trancamento, ou do cancelamento de disciplinas é algo que tensiona o aluno, acarretando nervosismo. Por outro lado, é necessário que existam parâmetros e critérios de concessão e manutenção da bolsa de estudos. Outro exemplo da relação entre trabalho e estudo é dado por Marcos, aluno de Informática e bolsista Ação Social, que realizava hora extra.

“ [...] eu trabalhava por fora, já cansei de trabalhar sábados e daqui você vai trabalhar um extra na firma para poder cobrir o que tá faltando, e a luta continua. [...]” [Marcos, aluno de Informática, bolsista de Ação Social]

Ainda, sobre trabalho, podemos citar, Gaspar, aluno de Design, bolsista de Ação Social.

“Então, eu sempre trabalhei na minha vida inteira, então separava todo o recurso que eu conseguia com o trabalho investia na faculdade, mas é claro tinha estratégia de sobrevivência que seria pegar carona com amigos, [...] procurar sempre grupos que possam te auxiliar também, não ter vergonha da tua situação, acho que isso é o mais primordial, assim você não se restringir a uma situação difícil, [...]” [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

Para Ricardo, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social, dois atores são importantes: a família e os amigos.

“Olha, minha mãe me dava o cartão dela, o vale transporte, ela ia até a pé, para o trabalho, [...] As vezes eu almoçava aqui [...] E como eu jogava futebol com os funcionários, na hora que eles iam almoçar e eu dizia que não tinha grana, e como eles tinham um monte daqueles tickets, eles me davam para almoçar.” [Ricardo, aluno de Engenharia, bolsista Ação Social]

Ricardo refere-se ao período em que a distribuição de alimentação para os funcionários e professores, era feita através dos chamados ‘tickets do bandeirão’. Hoje, esse processo é feito automaticamente, através de sistema de gerenciamento interno, por meio da carteirinha de funcionário, professor, ou aluno.

Podemos demonstrar outra forma de apoio familiar, através da fala de Aline, aluna de Pedagogia, bolsista ProUni.

“As necessidades minha mãe teve que apertar um pouquinho o orçamento lá de casa para poder manter, era um gasto grande, eu confesso, que ela tava até preocupada. [...]” [Aline, aluna de Pedagogia, bolsista ProUni]

Apesar da rede de apoio, alguns alunos relatam situações extremas, de não ter dinheiro para retornar para casa e sentir fome, durante a aula. Relatos comuns no início do FESP, expressão de necessidades básicas na vida dos alunos, e ainda, presente no cotidiano de muitos deles.

Neste sentido, a fala de Felipe, aluno de Administração, bolsista Ação Social é uma das mais completas. Ele aborda as necessidades concretas, de passagem, alimentação e fotocópias.

“Para eu pagar passagem eu lembro que eu pegava o ‘jaleco’ da minha irmã, [...] eu usava a carteira dela também [risos], na foto dela eu colocava o dedo, mostrava para o motorista e entrava e vinha de ‘jaleco’. E alimentação eu não tinha como resolver não, não tinha como, ficava aqui e às vezes sentia *fome* e tinha que ficar sentindo fome e bebendo água até a hora de ir embora [...] é muito ruim porque você fica com dor de cabeça, você não presta muito bem atenção, você tenta, mas você força muito, e com dor de cabeça por causa da fome, você tem um mal estar, tem que sair da sala lavar o rosto, beber uma água e voltar. Por isso que para mim foi bom a ajuda do FESP. Digamos que eu tinha que tirar 100 xerox por mês eu conseguia tirar de 20 a 30 xerox entendeu, e muitas coisas eu copiava, pegava dos colegas a xerox, levava para casa e copiava, ficava copiando horas e horas. [...]” [Felipe, aluno de Administração, bolsista Ação Social]

Depois de mais de 10 anos de atuação, a fome ainda está presente na história do FESP. As situações dos alunos de hoje não são diferentes das vividas pelos alunos no passado.

Outra fala, muito importante para o entendimento das situações aos quais os alunos estão expostos é a de Paulo, aluno de Comunicação Social, bolsista ProUni.

“Bom, eu já dormi na rodoviária. Já fui a pé daqui até o centro (risos), caminhando. Duas horas, e já dormi na casa do ‘X’ também, antes de morar com ele. Vinha na loucura. Saia de Caxias com dinheiro para vir pra cá e quando chegava aqui tentava arrumar o de volta. Quando não conseguia, caminhava até a rodoviária e dormia e depois de lá eu voltava pra cá e minha mãe mandava dinheiro para mim e eu ia para Caxias. Quando ela mandava dava para ir e voltar por um tempo, mas, tinha dia que só tinha para vir ou para voltar. Era bem ‘perrengue’ mesmo. [...] Chegava lá ficava na rodoviária, andava pelos guichês, ia embaixo, voltava, ficava até mais ou menos 1 hora, aí fingia que estava com a passagem na mão e sentava no banquinho e ficava. Quando dava 5:30h, 6 horas eu levantava e voltava para Universidade para chegar às 7 horas. [...] a aula era mais tarde, conseguia assim... dormia na biblioteca. Estudar... tempo não faltava, né (risos), banco da rodoviária, ou aqui pela manhã no bosque. As xerox eu usava cópia do RDC, se era um livro. Eu baixava na internet o livro e mandava imprimir, ou pegava de alguém e lia.” [Paulo, aluno Comunicação Social, bolsista ProUni]

Quem imaginaria que alunos da PUC-Rio, uma Universidade de excelência acadêmica, com mensalidades consideradas caras, poderiam passar por situações como as descritas acima? Ao conhecermos essas histórias, podemos nos questionar: Como estão os demais alunos, bolsistas ProUni, em outras instituições de ensino que não possuem um projeto como o FESP? As estratégias criadas poderiam ser mantidas por mais tempo? Poderiam ser mantidas por quatro ou cinco anos? A realidade dos alunos bolsistas da PUC-Rio seria diferente das demais instituições de ensino privado que aderiram ao ProUni?

A bolsa permanência oferecida pelo ProUni, atende a alunos com bolsa 100% que estejam em horários considerados integrais. O MEC considera curso integral o que tem carga horária acima de 4.000 horas/aula. O ProUni ofertou em 2007³¹, 97.631 bolsas de 100%, dentre elas, somente 12.110 alunos eram o público alvo da bolsa permanência, o que representa 12% do total de bolsas de estudo. Não estão disponíveis dados precisos sobre o número de bolsas permanência distribuídas pelo ProUni.

No caso da PUC-Rio, temos o FESP para atender ao aluno bolsista pobre, independente de seu tipo de bolsa de estudos. De acordo com os depoimentos dos alunos, verificamos que são eles os protagonistas de suas histórias, baseada em luta e resistência contra as dificuldades que a pobreza impõe. Percebemos ainda, que é possível criar estratégias sim, de ordem individual ou coletiva, o que não diminui a responsabilidade do Estado no desenvolvimento de políticas de assistência aos estudantes do ensino superior, sejam eles implementadas tanto na esfera pública quanto na privada.

Contudo, perguntamos o que significa para os alunos, ser atendido pelo FESP, com objetivo de compreender a visão do aluno sobre o Projeto, sua execução e desenvolvimento.

As respostas podem ser agrupadas em: ajuda (44%) e permanência (31%), que representam a maioria dos significados expostos, os demais se referem ao sentimento de vitória, de que o Projeto seja fundamental ou de grande valia na vida do alunos atendidos, representando (25%) das opiniões.

³¹ Dados disponíveis no site do ProUni http://portal.mec.gov.br/ProUni/index.php?option=com_content&task=category§ionid=14&id=26&Itemid=147 Capturado em 15/12/2007. Apresentaremos os dados oficiais do ProUni no Anexo 10.

Para Nely, aluna de Letras e bolsista Ação Social, o FESP é “ Uma ajuda fundamental [...]”.

Aline, aluna de Pedagogia e bolsista ProUni, aponta o Projeto como ajuda e justifica relacionando o estudo ao trabalho e à dinâmica familiar.

“Ah! Uma ótima ajuda. É porque minha família não tem condições boas, e a ajuda do FESP é primordial, porque é essencial, porque primeiro a gente não tem que ter aquela coisa cansativa de trabalhar e ter que fazer faculdade junto. [...] Porque a pessoa que trabalha e estuda fica muito mais cansado, e lá em casa é ótimo, porque minha mãe não tem gasto. Ela se preocupa mais com as coisas da casa e com a saúde da gente, meio que isenta a parcela do orçamento. [...]” [Aline, aluna de Pedagogia, bolsista ProUni]

Eduardo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni, contribui com valores monetários para quantificar o auxílio do FESP.

“[...] na minha situação particular, a minha permanência aqui na PUC, só foi e só é possível pelo FESP, que oferece já duas coisas que seriam as mais importantes, que é a passagem, eu moro longe são 4 passagens por dia eu não teria como pagar, o que daria quase R\$ 200,00 por mês, muita parte do tempo eu passo aqui na PUC e eu preciso naturalmente me alimentar, o FESP arca com esse custo.” [Eduardo, aluno de Comunicação Social, bolsista ProUni]

Para alguns alunos, o FESP além de ser uma ajuda, é considerado algo fundamental, que sem ele não seria possível estudar. É o caso de Felipe, aluno de Administração, bolsista Ação Social. “Pra mim é uma grande ajuda, porque realmente eu não teria condições, assim, econômicas, de conseguir vir a aula todos os dias [...]” [Felipe]

A questão da ajuda está presente no Projeto desde sua fundação, com os princípios de solidariedade, caridade e amor ao próximo, uma prática bem comum em espaços religiosos.

Segundo Abreu (2004), a chamada “Pedagogia da ajuda” está presente na constituição do serviço social enquanto profissão, desde o início do século XX, em consonância com o modelo norte americano, que transforma a questão social em individual, ou melhor, em psicossocial.

“A pedagogia da “ajuda”, traduzida na “ajuda psicossocial individualizada” particularmente na sociedade brasileira, busca ocultar processos e mecanismos autoritários de difusão da cultura dominante, na medida em que subalterniza e desqualifica o sujeito ao qualificá-lo via seleção/triagem para receber a “ajuda” destituindo-o de razão, vontade e autonomia.” [ABREU, 2004, p. 53]

A “Pedagogia da ajuda” caracteriza um determinado momento histórico do serviço social que inicia no Brasil, com o movimento de reconceitualização da profissão, que tinha o objetivo de rompimento com a ajuda, ocorrido na década de 80, onde se restabelece a base ideológica na emancipação da classe trabalhadora, dando espaço para o surgimento de outra Pedagogia, a de cunho emancipatório.

Na década de 90 os perfis pedagógicos de “ajuda” e emancipatório” conflitam-se durante a implementação do ajuste neoliberal, conjuntura que reafirma velhas formas de ajuda social, através do expansionismo do terceiro setor. Surge o que Abreu (2004) chama de novo conformismo social, como objetivo de neutralizar as lutas sociais de caráter emancipatório. A profissão reconfigura-se e atua tanto com a perspectiva da ajuda, quanto emancipatória.

No caso do Projeto FESP, como já nos referimos, a ajuda é algo que faz parte da sua constituição, uma vez que se faz em bases da ideologia cristã de amor ao próximo. Contudo, acreditamos que pode haver rompimento desses padrões, uma vez que, dentro do espaço da Universidade, podemos desenvolver uma prática emancipatória, no sentido de orientar o aluno bolsista integral, atendido pelo FESP, na luta por direitos e principalmente, na instrumentalização do mesmo através do conhecimento.

Segundo Abreu (2004), uma das propostas para a intervenção nessa perspectiva é o “*empowerment* do sujeito como fortalecimento do poder de usuário, mediante alteração na correlação sujeito/recurso, [..]” (p.65). Através de intervenções no sentido de politizar a ação do usuário na realidade vivida, essa perspectiva, se faz presente a partir do momento em que trocamos palavras como ‘benefício’ por ‘auxílio’, imprimindo à segunda palavra um sentido de temporalidade e de apoio, pois o aluno é o protagonista de sua história.

Outros alunos atribuem ao FESP sua permanência na Universidade, o que se dá através da ajuda, prestada pelo FESP. Assim como, Maura, aluna de Letras e bolsista Ação Social. “A minha permanência literalmente na faculdade. [...]”

Paula, aluna de Design e bolsista ProUni, também responde de forma direta e sucinta: “ Permanência na faculdade.” Já Nelma, aluna de Comunicação Social e bolsista Ação Social, refere-se à permanência e acrescenta um dado significativo da realidade. “Significa minha permanência na faculdade, [...]”

Oitenta por cento de minha permanência é pelo FESP. Se não fosse o FESP eu provavelmente teria trancado.”

Além da permanência, Nelma, também atribuiu ao Projeto um sentido fundamental e mensura o que recebe do FESP, demonstrando o que ele representa em seu orçamento.

A “ajuda” ainda se faz presente nos discursos que conjugam permanência e ajuda. Como é o caso de Marcelo, aluno de Direito e bolsista ProUni. “[...] Possibilidade de permanência, seria mais uma ajuda, além da bolsa, seria mais uma ajuda para continuar na faculdade, meio de permanência.” [Marcelo]

E ainda, de Gaspar, aluno de Design e bolsista Ação Social.

“Primeiro de tudo ele significa realmente uma ajuda, que sem ele nenhum aluno beneficiado estaria na PUC, vivendo toda a experiência da Universidade. Porque o aluno quando chega aqui, ele tem que comer, tem que beber, tem que comprar coisas, então para mim, acho que às vezes vale mais que a bolsa. Porque o FESP é mais do que um auxílio, um benefício, ele tá ali para te estimular a sair daquela situação. [...] o lance é permanecer, e o FESP te dá essa condição de permanência na universidade.” [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

Os significados do FESP para os alunos se relacionam intimamente com as dificuldades vivenciadas por eles para freqüentarem a universidade, antes de fazerem parte do Projeto, e ainda, ao atendimento que recebem no FESP. Essa questão ficará mais evidente quando os alunos apresentarem os pontos positivos e negativos do Projeto. Os depoimentos dos alunos também revelam o lastro da ajuda e da benesse, incutidos nas noções de caridade e solidariedade fundantes do FESP.

Passemos às mudanças ocorridas no cotidiano dos alunos depois de fazerem parte do FESP. Elas foram expressas de forma mais diversificada que os significados, sendo que os blocos mais marcantes foram o de melhoria do aprendizado, seguido por diminuir a preocupação ou dar tranqüilidade ao aluno e seus familiares. As demais alterações estão relacionadas diretamente às necessidades já apresentadas, anteriormente, em algumas falas, tais como: “não precisar mais escolher as aulas que deveria freqüentar”, “não sentir fome”, “ter como voltar para casa e não precisar mais dormir na rodoviária”, entre outras.

Segundo a entrevistada Nely, “A gente agora tem mais tempo para estudar, conseguir se organizar melhor em termos de horário para ficar mais tempo na PUC. É muito mais tranqüilo.” [Nely, aluna de Letras, bolsista Ação

Social] Já para Aline, aluna de Pedagogia e bolsista ProUni, refere-se à mudança relacionada à oportunidade de aproveitar mais o curso e usufruir dos espaços oferecidos pela PUC.

Para Eduardo, aluno de Comunicação Social e bolsista ProUni “ O FESP dá mais tranqüilidade para estudar.” E ainda, Marcelo, aluno de Direito e bolsista ProUni, conjuga estudo e diminuição de preocupação.

“Ah! Diminuiu a preocupação com o transporte, fiquei mais aliviado, e mais disposto também, com alimentação. Agora mais disposto, porque tava muito cansado, também com fome, às vezes não dava para prender o raciocínio.” [Marcelo, aluno de Direito, bolsista ProUni]

A fome, a incerteza da ida ou de retorno a universidade, de acordo com os alunos geram desgaste emocional e dificultam o aprendizado, como expresso por Eduardo, entre outros. A satisfação dessas necessidades produz tranqüilidade, diminui a preocupação, sendo assim, favorece o aprendizado.

Outro aspecto colocado por Gaspar, aluno de Design e bolsista Ação Social, é a questão da auto-estima.

“O que mudou, primeiramente, a auto-estima, aquela situação de você não se preocupar de como vai vir para faculdade, onde vai comer, [...] não se pensa de barriga vazia, essa é a grande jogada, antes de pensar na educação do povo, acho que você tem que pensar na comida e na saúde, porque sem saúde e de barriga vazia ninguém pensa.” [Gaspar, aluno de Design, bolsista Ação Social]

A mudança na relacionada a auto-estima dos alunos fica evidenciada, durante as etapas do processo seletivo para a entrada no Projeto. Depois de um tempo de atendimento, os alunos iniciam os estágios os as pesquisa na sua área de conhecimento, e muitos atribuem ao atendimento pelo FESP, a melhora nas condições de estudo que favoreçam a entrada em estágios remunerados ou em grupos de pesquisa, uma vez que, a entrada no FESP promove o que eles chamam de tranqüilidade para estudar, como visto ao longo da apresentação das falas dos mesmos.

4.2.4 - Aspectos positivos e negativos do FESP – a visão dos entrevistados: professores, funcionários e bolsistas

Tanto os professores e funcionários entrevistados, quanto os alunos atendidos foram convidados a realizar uma breve avaliação do FESP, colocando pontos positivos e negativos do Projeto. Apresentaremos as contribuições separadamente, num primeiro momento, os professores e funcionários, posteriormente os alunos.

Os pontos positivos podem ser apresentados a partir dos seguintes aspectos:

- I. Existência do FESP em si, seria um ponto positivo;
- II. O FESP enquanto resposta a permanência de alunos bolsistas pobres na PUC-Rio;
- III. A prestação de contas, feita corretamente, e ainda, a fiscalização, realizada por quem contribui/financia o Projeto;
- IV. A iniciativa de qualificação do conhecimento, a partir do auxílio material didático (livro) ³²;
- V. A criação de uma equipe direta de atuação no FESP;
- VI. A equipe em si. Apontada por dois dos entrevistados;
- VII. A equipe de serviço social que realiza o atendimento aos alunos, considerada qualificada;
- VIII. Convivência entre as pessoas que participam do Projeto;
- IX. Relacionamento com os alunos;
- X. A atitude de acolher a realidade trazida pelo aluno;
- XI. O FESP concretiza uma forma de solidariedade para um grupo de alunos;

Os pontos positivos relacionam-se a garantia do direito a educação através da ação desenvolvida pelo FESP, ou seja, os entrevistados aprovam e apontam mudanças significativas na estruturação e desenvolvimento do Projeto. Dentre

³² O Projeto em 2006 iniciou um novo auxílio - material didático, para que os alunos pudessem ter um livro por ano, de acordo com a necessidade de seu curso.

elas a equipe a prestação de contas e a distribuição de auxílios relacionados ao desenvolvimento acadêmico. Passemos aos pontos negativos.

Nem todos os entrevistados conseguiram expressar pontos negativos. Alguns deixaram claro essa dificuldade. No entanto, quatro indicaram como negativos os seguintes aspectos:

I. Falta de participação e divulgação;

II. A necessidade da contrapartida da Universidade, uma vez que, a PUC-Rio, contribui de forma residual com o FESP³³;

III. A dependência dos auxílios distribuídos pelo Projeto, percebida no cotidiano da atuação no FESP junto aos alunos, o que é reforçado pelo tratamento do mesmo como beneficiado, ao invés de auxiliado;

IV. A grande quantidade de documentos exigida para que o aluno seja atendido, foi considerada como um fator que pode afastar o mesmo do FESP;

V. Pouco envolvimento dos alunos na estruturação e desenvolvimento do Projeto;

Os aspectos negativos apresentados pelos entrevistados referem-se ao que chamamos de dependência gerada no sujeito e reforçada pela prática da filantropia numa perspectiva de caridade.

Os demais aspectos referem-se às práticas cotidianas que podem ser revistas.

As características de relacionamento do Projeto aparecem tanto como aspectos positivos quanto negativos. Podemos concluir que existem aspectos que facilitam e dificultam a relação estabelecida com o aluno atendido. Os funcionários e professores entrevistados consideram um fator positivo a equipe, e negativo as exigências burocráticas para a legitimação, e a filantropia, e ainda a pouca participação dos alunos no desenvolvimento do FESP.

Para refletir melhor os aspectos apresentados, pedimos aos entrevistados que fizessem sugestões.

³³ A contribuição financeira do FESP constitui-se de doações dos funcionários e professores, somado ao financiamento da ANEAS (maior da verba). A PUC-Rio, oferece espaço e alguns subsídios como desconto no bandeirão e destinação de metade do ganho do estacionamento interno para o Projeto.

- A promoção de formas de intercâmbio dos alunos para a troca de conhecimento;
- O aumento da contribuição financeira por parte de alunos e funcionários da PUC;
- O Projeto não se limitar a dar e negar auxílios;
- Retorno do CONSOL;
- Trabalhar mais a autonomia dos alunos atendidos pelo FESP;
- Ampliação dos auxílios, tendo em vista as necessidades dos alunos;

As sugestões expressas pelos funcionários e professores entrevistados ficam aqui expostas para que o FESP possa repensar suas ações e desenvolver as que forem possíveis e convenientes.

Passemos a apresentação das avaliações realizadas pelos alunos atendidos pelo Projeto, iniciaremos com os aspectos positivos, que serão apresentados em tópicos.

- I. A equipe como ponto positivo esteve presente em 50% das respostas. Vale ressaltar, as características atribuídas a ela: união, companheirismo, justiça, dedicação, organização, disponibilidade, orientação prestada aos alunos e identificação com os alunos;
- II. Acolhimento aos alunos;
- III. Auxílio moradia;
- IV. Não é burocrático;
- V. Integração entre os alunos;
- VI. O fato de ser 'aberto' a todos os alunos;
- VII. Não cobra nada em troca.

A metade dos alunos entrevistados (8) não apresentou pontos negativos. Contudo, os que foram colocados, relacionam-se com os aspectos positivos. Em alguns casos, podemos perceber que o aspecto destacado pode passar de positivo para negativo. Essa contradição está presente no que se refere ao fato do Projeto estar 'aberto' a todos os alunos, o que pode ser considerado também como um aspecto negativo, por acreditarem que isso seja uma facilidade para formas de 'burlar' os critérios do FESP. Vejamos, quais foram os aspectos descritos pelos alunos.

- I. Pouca comunicação entre os alunos;
- II. Horário de atendimento é reduzido para atender ao aluno do noturno;
- III. A participação dos alunos não é estimulada pelo Projeto;
- IV. Quantidade de documentos pedidos anualmente para renovação dos auxílios;
- V. Mês de referência em que recebemos os documentos, é ruim porque é um período de provas;
- VI. Porque o Projeto é 'aberto' possibilita que alunos 'burlem' os critérios para serem atendidos.

Os pontos negativos relacionam-se às práticas do cotidiano que influenciam na dinâmica da vida social do aluno. Vale repensar algumas questões para que se possa atender às necessidades apresentadas pelos alunos.

Outra contradição que pode ser percebida é o fato do Projeto não ser considerado burocrático, como ponto positivo, em contraposição à questão da quantidade de documentos exigida para renovação dos auxílios.

Com relação às sugestões, seis dos entrevistados não tinham sugestões. Os que apresentaram sugestões as relacionam com o que consideravam pontos negativos. Foram elas:

- ✓ Ao invés de entregar toda documentação anual, disponibilizar somente o que se modifica, ou seja, as despesas e os rendimentos.
- ✓ Entrega de documentos no início do ano;
- ✓ Realização de reuniões de integração;
- ✓ Ampliação do auxílio moradia;
- ✓ Buscar fontes de recursos para ampliação do Projeto;
- ✓ Diminuir o tempo de espera para entrada no Projeto;
- ✓ Oferecer cursos de idiomas e informática;
- ✓ Ampliação do horário de atendimento, até às 21 horas.

Podemos perceber que os alunos atendidos pelo FESP, avaliam o mesmo de forma positiva. Vale ressaltar, que quando são chamados a avaliar

um determinado Projeto ou Programa, do qual fazem parte, têm importantes contribuições para mudanças da prática desempenhada. Como foi o caso da presente dissertação.

A prática avaliativa, onde se permita a escuta do usuário que recebe o serviço, é algo que deve ser incentivado na área social, uma vez que, oferece a oportunidade de reflexão do trabalho desenvolvido a partir da necessidade dos usuários.

Para Carvalho (2001), a avaliação realizada na presente dissertação, tem o cunho participativo, por ter sido realizada entre os chamados agentes e usuários envolvidos no Projeto, o que permite a aproximação reflexiva e socializada entre os diversos sujeitos da ação.

O objetivo da avaliação proposta aos alunos foi o de contribuir com o desenvolvimento, reformulação e implementação do Projeto FESP.

Ao longo da trajetória histórica do FESP, podemos perceber seu caráter de construção coletiva, respondendo à dinâmica social que se apresenta na prática desenvolvida pelo mesmo. Ele se reconfigura a partir das necessidades expostas pelos alunos, em atendimentos feitos no cotidiano do Projeto.

Criado em 1997, para atender às necessidades de alunos bolsistas, pobres, oriundos da classe-que-vive-do-trabalho, em sua maioria vindos de Pré-vestibulares Comunitários, o FESP surge na emergência da fome e da não disponibilidade financeira dos alunos para chegar ao campus universitário para estudar, o que corrobora com a idéia de que o acesso ao ensino superior deve estar relacionado com ações que visem à permanência. O Projeto FESP constitui-se numa ação social solidária entre pessoas que ouviam as demandas sociais, e por fim, torna-se um Projeto que viabiliza a permanência de alunos pobres no ensino superior.